

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Carolina Macedo Sampaio

**A Fotografia como Meio de Propaganda
e de Manipulação de Massas no Regime Nazi**



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Carolina Macedo Sampaio

A Fotografia como Meio de Propaganda e de Manipulação de Massas no Regime Nazi

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor Jean Martin Marie Rabot
e da
Professora Doutora Clara Maria Faria Simões Mendes

outubro de 2017

DECLARAÇÃO

Nome: Carolina Macedo Sampaio

Endereço electrónico: carolina.macs@hotmail.com Telefone: 916409062

Número do Bilhete de Identidade: 14179520

Título dissertação: A Fotografia como Meio de Propaganda e de Manipulação de Massas no Regime Nazi

Orientador(es):

Professor Doutor Jean Martin Marie Rabot

Professora Doutora Clara Maria Faria Simões Mendes

Ano de conclusão: 2017

Designação do Mestrado:

Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, 27 de Outubro de 2017

Assinatura:

Agradecimentos

Aos meus orientadores, Professor Doutor Jean Martin Marie Rabot e Professora Doutora Clara Maria Faria Simões Mendes, pelo apoio, disponibilidade e compreensão infindáveis. Todo o reconhecimento e valorização que atribuíram ao meu trabalho foi imprescindível para continuar com ânimo e não desistir.

À Helena, ao Pedro, à Sara, à Diana e ao Luís.

A Fotografia como Meio de Propaganda e de Manipulação de Massas no Regime Nazi

Resumo

Esta investigação terá como propósito debruçar-se sobre a imagem fotográfica e a importância do papel que desempenhou no mundo moderno ao serviço de um dos regimes totalitários mais cruéis da história da humanidade – o nazismo. Assim, o objeto de estudo será a fotografia como imagem mediática, que atinge facilmente as massas da sociedade e incentiva a sua atitude para uma tomada de posição ou atuação, de acordo com os intuitos dos solicitadores dessa imagem.

Estas imagens mediáticas, uma vez introduzidas nos meios de comunicação (jornais, rádio, televisão, etc.), abrem novas portas para o mundo e mostram-nos uma realidade ilusória na qual uma dada classe dominante espera que acreditemos e nos identifiquemos com a sua mensagem e valores.

Segundo os estudos de Charles W. Mills (1959) acerca da “imaginação sociológica”, a partir do século XIX assistiu-se a uma transformação da sociedade medieval e das “coletividades” numa sociedade na qual os seres humanos livres se tornam “homens de massa”, “sendo que cada um deles está confinado em meios desprovidos de poder”. A fase da História da Humanidade que melhor marca a viragem para esta “sociedade de massas” caracteriza-se pela emergência da “democracia totalitária”. Assim, será pertinente esta análise da fotografia como meio de manipulação de massas no período compreendido entre os anos 1933 e 1945, de maneira a formular uma visão acerca das estruturas de classe, estatutos e poder a uma escala nacional.

Nesta linha, o estudo da fotografia como forma de propaganda e manipulação de massas será realizado no contexto da 2ª Guerra Mundial, época em que a propaganda foi crucial para a difusão e expansão dos ideais nacionais-socialistas, servindo-se, em grande escala, de imagens bárbaras e chocantes que oprimiam e humilhavam diferentes etnias que se distanciavam dos “arianos”.

Cerca de sete anos antes de Hitler chegar ao poder na Alemanha, em 1933, já traçava, no seu livro *Mein Kampf* (1926), uma estratégia bem delineada que daria a conhecer ao mundo os seus ideais políticos: “Propaganda tries to force a doctrine on the whole people... Propaganda works on the general public from the standpoint of an idea and makes them ripe for the victory of this idea.” A propaganda terá sido uma das armas mais fortes e eficazes utilizada pelos nazis durante a 2ª Grande Guerra, não só aliciando as massas a seu favor como, também, reforçando o seu poder perante o inimigo. Desta forma, as imagens propagandísticas utilizadas pelos nazis tinham o poder de “transformar uma comunidade de públicos numa massa manipulada e adormecida” (Mills, como referido em Campenhoudt, 2003, p. 280).

Palavras-chave: fotografia; comunicação visual; propaganda; totalitarismo; poder; violência; ideologia nazi.

Photography as a Mean of Propaganda and Manipulation of the Masses in the Nazi Regime

Abstract

This investigation leans onto the photographic image and its important role on the modern world, lending service to one of the cruelest totalitarian regime - the nazism. Therefore, the main subject will be the photography as media that easily reaches the masses and improves its positioning and acting according to the purpose of the image representatives.

These mediatic images once introduced to the media (newspapers, radio, television, etc.) open new doors to the world and show us an illusory reality in which a dominating group expect us to believe and relate with the message and the standards.

According to Charles W. Mills' studies about the "sociological imagination" (1959) in the XIX century there was the transformation of the medieval society and the "collectivities" into a society where the free Man becomes "the masses", "which each one of them is confined to a life deprived of power". There's a period in the Human History that better marks this twist of "society of masses" characterized by the emergency of a "totalitarian democracy". So it is apropos the analysis of the photography as a way of manipulating masses between 1933 and 1945, to create a vision about classes, status and power in a national scale.

The study of photography as a way of advertisement and manipulation of the masses will be conceived into the II World War context, a time when propaganda was crucial for the diffusion and expansion of the national socialists' ideals, taking advantage, in a large scale, of the barbarian and shocking images that oppressed and humiliated different ethnic groups who were unlike the "arians".

About seven years before Hitler came to power in Germany in 1933 he already traced in his book *Mein Kampf* (1926) a well planned strategy that would let the world know about his political ideals. "Propaganda tries to force a doctrine on the whole people... Propaganda works on the general public from the standpoint of an idea and makes them ripe for the victory of this idea." Propaganda must have been one of the strongest and most effective weapon used by the Nazis during the II World War, not only they enticed the masses to their favor but they increased the power against the enemy. With that being said, the advertised images used by the Nazis had the power to "transform a public community into manipulated and numb masses" (Mills, in Campenhout, 2003, p. 280).

Key words: photography, visual communication, propaganda, totalitarianism, power, violence, nazi ideology.

Índice

1. Introdução	1
1.1 Questões de Investigação	2
2. Referenciais Teórico-Metodológicos	5
2.1 Questões Éticas no Processo de Investigação	7
3. O Regime Nazi	11
3.1 Totalitarismo	11
3.2 Estrutura da Ideologia Nazi	15
3.2.1 Teorias Pseudocientíficas	15
3.2.2 Ideologia e Misticismo	17
3.2.3 O Poder e a Violência	19
3.2.4 Exploração da Mente	20
3.3 A Percepção Social e a Construção Social da Diferença	22
3.4 A Manipulação da Identidade	24
3.5 A Construção do Judeu Errante	28
3.6 A Psicologia da Violência	29
4. A Fotografia e a Propaganda	31
4.1 Fotografia e Sociedade	31
4.2 O Mundo Real e o Mundo Simbólico	32
4.3 O Mundo Moderno e o Poder da Imagem	33
4.4 A Propaganda Nazi e a Manipulação de Massas	35
4.5 A Propaganda do Nacional Socialismo: os argumentos de Joseph Goebbels	41
5. Análise de Fotografias	47
5.1 The Eternal Jew	49
5.2 The Polish Ghetto	57
5.3 Retratos	61
5.4 O Orgulho Racial	66
5.5 O Judeu pelo Mundo	70
5.6 Humilhação dos Judeus	73
5.7 Religião e Raça	79
5.8 A Educação Ariana	82
6. Considerações Finais	87

7. Bibliografia	91
8. Anexos	95
8.1 Anexo 1: Modelo Clássico da Comunicação, de C. Shannon e W. Weaver	95
8.2 Anexo 2: The German National Catechism	96

1. Introdução

O presente trabalho de investigação enquadra-se no mestrado de Comunicação, Arte e Cultura e debruça-se sobre duas principais temáticas: a imagem e a fotografia *versus* o totalitarismo e a ideologia nazi. Trata-se, então, de um estudo acerca do poder da comunicação visual e das fotografias propagandísticas num mundo em guerra e numa sociedade autoritária, sob o jugo de uma política totalitarista.

Por forma a explorar os temas supracitados, a dissertação divide-se em três capítulos: O Regime Nazi; A Fotografia e a Propaganda; Análise de Fotografias. No primeiro capítulo, pretende-se explorar as características do totalitarismo e a estrutura do regime nazi, compreender as suas origens e princípios básicos, bem como os argumentos que os sustentavam. Para além disso, são analisadas algumas teorias científicas que explicam as estratégias de manipulação da mente e de persuasão utilizadas pelos nazis para conquistar seguidores e dominar a sociedade; recorre-se, de igual modo, à psicologia, para tentar traçar o perfil do nazi e clarificar a sua devoção à violência.

No segundo capítulo, dedicado à fotografia e à propaganda, serão clarificados conceitos relacionados com o mundo real e o mundo simbólico captados pela câmara fotográfica, que conferem à fotografia um carácter autêntico e fidedigno, por um lado, e um carácter ilusório, por outro. Daqui, podemos afirmar que a fotografia é, portanto, “uma arte pouco segura, pois representa desordem, acaso e enigma” (Barthes, 1980, p. 31).

Talvez esta particularidade da imagem tenha representado uma grande vantagem para os nazis, na medida em que se apoderaram desta forma de comunicação para chegar rapidamente às massas, transmitindo-lhes uma mensagem deturpada da realidade e manipulando o mundo conforme os seus propósitos.

É, precisamente, sobre este tópico que recai a análise das fotografias, correspondente ao terceiro e último capítulo. Na Idade Moderna, já os instrumentos e as técnicas de manipulação fotográfica estavam evoluídas e o Ministério da Propaganda Nazi especializou-se na produção de imagens que persuadissem o público no sentido da ideologia da pureza racial e da superioridade ariana.

A sociedade estabelece os meios de categorizar os indivíduos e quais os atributos comuns e naturais que os unem, criando ambientes sociais que determinam as categorias de pessoas que neles se inserem. Por conseguinte, as relações sociais nestes ambientes permitem aos seus membros identificarem-se mutuamente e preverem as características uns dos outros.

Assim, a partir dos primeiros aspetos de um estranho, é possível traçar a sua identidade social (Goffman, 2004, p. 5).

Nesta linha, na Alemanha Nazi redefiniram-se identidades sociais: criou-se a imagem perfeita do ariano e a imagem hedionda do judeu. Na sociedade alemã, alimentou-se o ódio e o repúdio por uma etnia que não se encaixava num ambiente conservador e tradicional, ameaçando, mesmo, a sua estrutura.

Todos estes aspetos são revelados em fotografias que opõem a figura, a vida e as ações dos arianos em relação aos judeus, aspetos primordiais que serão analisados no último capítulo.

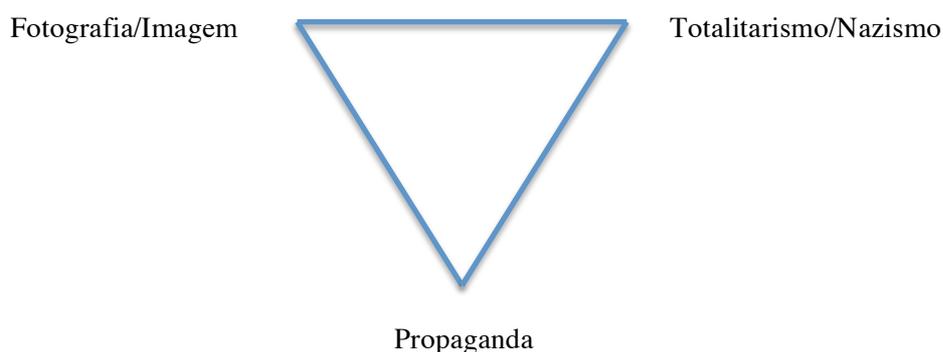
1.1 Questões de Investigação

Nesta investigação, que traça uma compreensão da ideologia que orientou o regime nazi e uma perceção da relação entre fotografia/imagem mediática e política, pretende-se criar uma discussão acerca dos métodos e técnicas usados por este regime totalitário na manipulação de imagens e, conseqüentemente, na influência da mentalidade das pessoas.

As principais questões a serem abordadas prendem-se, primeiramente, com as características e os limites da fotografia e da propaganda, procurando uma resposta às perguntas: “É possível manipular uma nação inteira a partir de fotografias?”; “O que representam estas fotografias e como assumem tamanho poder?”; “A imagem influencia a construção de uma perspectiva acerca do mundo?”; “Que métodos e técnicas foram utilizados na manipulação das fotografias?”.

Em segundo lugar, articulando estas questões com a matéria política, formulam-se as seguintes hipóteses/interrogações: “De que forma o totalitarismo aliciava e recrutava apoiantes?”; “Os ideais do regime totalitário refletem-se na sua propaganda?”; “A Alemanha Nazi concentrou as suas forças na produção de um sistema altamente organizado de propaganda, que se revelou uma das suas armas mais poderosas”.

Assim, forma-se um triângulo de análise que entrelaça estas vertentes:



Este modelo de análise permitirá perceber qual a relação entre estes três elementos e como foram combinados, de forma a provocar o maior conflito bélico da História da Humanidade.

As fotografias mediáticas analisadas ao longo desta investigação permitirão corroborar a pesquisa literária e responder às questões de investigação.

2. Referenciais Teórico-Metodológicos

Este estudo, inserido na década de 30-40 do século XX, incide sobre as fotografias usadas durante o Terceiro Reich de Hitler, por forma a persuadir as massas a seu favor e a inculcar os valores de nacionalidade, superioridade e antissemitismo do povo alemão. O principal objetivo seria denegrir a imagem de diferentes povos étnicos, sobretudo os judeus, humilhando-os e desrespeitando-os, realçando sempre a supremacia alemã. A propaganda negra através de fotografias manipuladas e enquadradas fora do contexto real revelou-se uma arma poderosíssima a favor dos nazis, influenciando o desenrolar do conflito.

A fotografia representa uma narrativa relacionada com a realidade, além de ser, em si mesma, também ela uma narrativa, sujeita a várias interpretações subjetivas e distintas. A fotografia é, ainda, a materialização de uma memória.

Romanovsky (2009) traça uma abordagem semiótica da fotografia como imagem e questiona a possibilidade de, a partir da interpretação de uma fotografia, ser possível extrair tanta ou mais informação como acontece com a leitura de um texto. Para fundamentar essa questão, a autora refere as ideias de Roman Jakobson, pensador russo considerado um dos maiores linguistas do século XX, que desenvolveu um referencial teórico e metodológico extremamente importante no processo de leitura de uma fotografia, inspirado no *Modelo Matemático de Comunicação*¹, de Shannon & Weaver (1949).

A leitura ou comunicação de uma fotografia pretende provocar o surgimento de interpretações nos sujeitos, interpretações essas distintas entre si, dependendo de quem a lê e do contexto em que se encontra. De acordo com a tese das seis funções linguísticas de Jakobson (2001), existe um recetor que se dispõe a ler a narrativa da fotografia, que a decifra através da comunicação (código) e da linguagem em que foi criada.

Na função referencial ou representativa, a comunicação centra-se no referente e no contexto que o engloba (o local, a temporalidade e a dimensão). A função emotiva é, por sua

¹ Originalmente proposta por Shannon, em 1948, *A Mathematical Theory of Communication* procura analisar a quantificação, armazenamento e comunicação da informação e delimitar o processamento de sinais e operações de comunicação. Em 1949, Shannon e Weaver desenvolvem um modelo quantitativo e qualitativo da comunicação, na sua obra *The Mathematical Theory of Communication*. O modelo proposto visa a deteção e resolução dos problemas técnicos da comunicação, facilitando o fluxo das mensagens. Para isso, o enfoque recai sobre o emissor e as condições que tem à sua disposição para transmitir a mensagem de forma clara e sem “ruído” e, sobretudo, que esta seja entregue com sucesso ao recetor (mensagem de blog, Junho 13, 2010). (ver Anexo 1)

vez, subjetiva, uma vez que se centra na informação que o emissor envia, representando a visão pessoal do produtor da mensagem. A função conotativa, pelo contrário, é orientada para o destinatário, que se pretende que analise e interprete a fotografia de acordo com a informação e intenção criadas pelo emissor. A função prática representa, por outro lado, a ligação entre emissor e recetor, o seu contato. Já a função poética ou estética representa a procura da arte nas características materiais da fotografia – ideias, símbolos ou imagens que podem ser encontrados na mesma. Por fim, a função metalinguística remete para as condições de produção de uma imagem e para a consciência do locutor acerca do código da imagem.

Desta forma, a seleção de diferentes fotografias da época será crucial para perceber quais as técnicas de propaganda utilizadas pelo Ministério da Propaganda Nazi e de que forma estas eram pensadas, controladas e manuseadas para atingir a audiência e atuar na sua consciência.

De entre as variadíssimas imagens mediáticas que se conservaram até aos dias de hoje, que incluem retratos do *Führer*, imagens do exército alemão, de armas e de ataques catastróficos, esta investigação terá como foco as fotografias de milhares de pessoas que sofreram diretamente com a perseguição nazi, sobretudo judeus, e que morreram pelas mãos da ideologia hitleriana. Pretende-se enfatizar a dor, o tormento, a agonia e a opressão que se fazia sentir contra os judeus e restantes grupos minoritários e que se transmitia, para todo o mundo, através das fotografias. Em contraste, são divulgadas imagens onde se reflete a boa apresentação, comportamento e alegria dos alemães, como o ideal do ser humano. A principal tarefa será a análise de conteúdo destas fotografias, comparando-as entre si.

Assim, será possível compreender o funcionamento e a dinâmica da sociedade controlada pelo regime nazi, desde a cultura, o lazer, as atividades comerciais, o papel da mulher, a educação, etc., e apresentar a clivagem existente entre os cidadãos alemães e os grupos étnicos minoritários, cujas fotografias expunham imagens falaciosas e repulsivas acerca da sua identidade, manipulando a opinião pública e excluindo-os da sociedade.

Curiosamente, a técnica da análise de conteúdo começou a ser bastante utilizada durante a 1ª Guerra Mundial por Harold D. Lasswell, cientista político e teórico da comunicação, analisando a propaganda dos diferentes países em conflito (Janeira, 1971, p. 373). Assim, durante o período que correspondeu ao segundo conflito bélico mundial (1933-1945), esta técnica conheceu grande desenvolvimento e começou a ser utilizada de forma cada vez mais rigorosa, tendo sido imperativa para a descodificação das mensagens mediáticas do inimigo, por parte da Grã-Bretanha, possibilitando, até, prever muitos dos movimentos dos adversários

(idem: *ibidem*). Aqui, é perceptível o poder e a força que a propaganda assumiu durante a época em questão.

Selecionados dois grupos de imagens que contrastam (grupos minoritários *versus* arianos), será criado um *corpus*, composto por um número significativo de imagens que será definido ao longo da investigação, assim que seja atingido um ponto de saturação. Recorrendo à análise qualitativa, estas imagens serão analisadas segundo as seguintes categorias: 1. idade, género, etnia, corpo, tamanho, aparência; 2. expressões, poses, contato visual; 3. tato, movimento do corpo, comunicação posicional; 4. adereços e cenários (Dyer, 1982). Todos estes aspetos permitem distinguir estereótipos, descodificar a mensagem dominante da fotografia e a simbologia por detrás das representações do corpo, das expressões e das atividades que estão patentes na imagem. A posição a partir da qual a câmara capta as figuras principais revela-se, igualmente, crucial nesta análise, com vista a perceber a organização espacial dos elementos, os níveis de luz e de cor e qual a sua intencionalidade.

Recorrendo ao estudo de Barthes² acerca das imagens e seus significados, serão, então, analisados três tipos de mensagens contidas nas fotografias: a mensagem linguística, a mensagem icónica não-codificada (denotações) e a mensagem icónica codificada (conotações).

Desta forma, será possível perceber de que técnicas e estratagemas se serviram o regime nazi e o Ministério da Propaganda para conseguir atingir o globo de forma tão persuasiva, captando, ao longo da sua regência, cada vez mais aliados, por uma causa tão sinistra que resultou no Holocausto.

2.1 Questões Éticas no Processo de Investigação

Desde a sua criação, no final dos anos 60, que a internet conheceu um desenvolvimento acelerado, radical e muito eficiente. Não é de estranhar, portanto, que, em meados dos anos 90, investigadores se tenham dedicado ao desenvolvimento de teorias e de estudos vários acerca da *web* (Warr, Cox, Guillemin & Waycott, 2016, p. 70).

Assim, com o crescente número de imagens disponibilizadas na internet diariamente, criam-se novas e aliciantes oportunidades para os investigadores, a par de questões éticas e metodológicas que exigem aos especialistas das ciências sociais uma reflexão proativa acerca

² Barthes, R. (1964). *Rhétorique de l'Image* in *Communications*, n°4.

das mesmas, procurando enfrentar estes dilemas éticos e encontrar possíveis soluções para os ultrapassar.

Associados a estes dilemas, destacam-se problemas relacionados com privacidade, identidade e integridade, no caso deste estudo, de fotografias de pessoas reais que, muitas vezes, desconhecem a presença da sua imagem na internet (*idem: ibidem*). O público e o privado é, muitas, difícil de se distinguir.

Uma vez *online*, toda e qualquer informação, em princípio, deixa de ser particular e passa a ser do domínio público, no sentido em que qualquer pessoa, em qualquer parte do mundo, consegue aceder e servir-se desta facilmente, sem sequer pensar muito no assunto – os *downloads* e *uploads* funcionam, assim, de uma forma intuitiva e o material visual disponível tem o cunho de “there for the taking” (*idem*, p. 62). Desta forma, este material é, muitas vezes, retirado do seu contexto real e utilizado livremente pelos investigadores, ou seja, recolhem objetos num determinado estado e apresentam-nos num outro, conforme os seus propósitos (*idem*, p. 63).

Os sociólogos são, neste contexto, dos cientistas que mais se servem do material *online*, pois existe uma vasta oportunidade de pesquisa e análise que permite desenvolver estudos e teorias dos mais variados temas. Além disso, o conteúdo depositado na internet é, na sua maioria, livre de palavras-passe e de outras formas de controlo.

Relativamente aos indivíduos que são expostos em fotografias, estes podem ser considerados, por um lado, como meras imagens para consumo dos internautas ou, por outro lado, como participantes de estudos sociais científicos.

Neste estudo, as fotografias foram recolhidas em diferentes *sites* associados ao nazismo, propaganda, fotografia e holocausto, sendo que em nenhum era requisitada qualquer palavra-passe. Como existiu facilidade de seleção e de levantamento de conteúdo, as fotografias podem assumir um carácter informal (*idem*, p. 68), no sentido em que foram usadas como base para uma investigação e corroboram os pressupostos apresentados na base teórica, bem como apresentam respostas às questões de investigação. Ainda assim, os indivíduos fotografados não são obrigados a participar em investigações científicas, quer tenham sido os próprios a realizar o *upload*, quer não.

Nesta linha, alguns autores alertam para o cuidado a ter no momento de apropriação das imagens e no uso das mesmas como fonte de informação (*idem*, p. 69), no sentido em que é necessário recorrer a todos os meios possíveis para que a informação acerca dos *uploads* não se perca, como a identidade dos fotografados, dos indivíduos que descarregaram as

fotografias na internet e se estas estão protegidas por palavra-passe ou direitos de autor. Da mesma forma, é dever do investigador respeitar possíveis regras associadas aos *websites* consultados, perceber a sua credibilidade e identificar as fontes.

Como formas de narrativa, as fotografias permitem ao seu público a construção de uma ponte com o passado e um diferente entendimento dos acontecimentos no presente, estimulam a memória e ilustram o carácter cultural e social patente por detrás de um objeto, à primeira vista, individual. As fotografias apresentadas neste estudo foram selecionadas segundo este critério, pois os indivíduos e os acontecimentos fotografados contam uma história coletiva: um judeu conta a história da perseguição nazi aos grupos minoritários, assim como um ariano conta a história do grande projeto nazi de modernização e purificação do mundo.

Muitas vezes, o investigador corre o risco de descontextualizar as imagens e usa-las erradamente para justificar as suas teorias. No caso deste estudo, todos os *sites* visitados encontravam-se ligados ao fenómeno do Holocausto e possuíam descrições muito concretas acerca das imagens que apresentavam. Para além disso, torna-se impossível o cientista social eliminar as suas emoções do processo de análise científica (Cotteril and Letherby, como referido em Warr et al., 2016, p. 78), na medida em que as histórias dos outros convergem com as suas próprias experiências, completando-as e atribuindo-lhes sentido, pelo que as fotografias apresentadas neste estudo se aplicam a este critério.

Esta é a liberdade concebida pelas fotografias como narrativas, pois permitem ao investigador cruzar as suas perspetivas com as histórias contadas pelos indivíduos fotografados, pelos fotógrafos e pelos intermediários que lhes fazem chegar o material visual. Para lidar adequadamente com esta liberdade, é preciso que haja uma reflexão no momento da análise de conteúdo, de forma a que o investigador consiga compreender o papel que as suas próprias histórias e conhecimentos acerca da temática em questão desempenham no desenvolvimento da análise (Warr et al., 2016, p. 80).

Com efeito, as fotografias de judeus, negros e arianos expostas nesta investigação expressam uma intensa carga emocional para qualquer pessoa familiarizada com a 2ª Guerra Mundial e com o Holocausto, sendo que o investigador não é exceção. A reflexividade e a objetividade auxiliam neste processo de desmistificação das mensagens mediáticas presentes nas imagens, oferecendo uma interpretação que conjuga fatores pessoais, sociais, culturais, históricos, políticos e, claro, teórico-metodológicos.

3. O Regime Nazi

3.1 Totalitarismo

Na era moderna emergem os regimes totalitários, que consistem em absorver todos os direitos, inclusive a vida e a liberdade, dos indivíduos. O Estado totalitário representa um valor supremo, cujos valores e ideologias se sobrepõem à liberdade dos cidadãos, privados de escolherem a sua própria ideologia. Para o totalitarismo, tudo assenta sobre uma doutrina única e a causa é justificação para todos os meios, até os mais desprezíveis, como a mentira, a traição, o massacre e o genocídio.

O totalitarismo ascende numa Europa ainda devastada, psicologicamente, pelos efeitos da 1ª Guerra Mundial, pela inflação e pelo desemprego. A derrota militar da Alemanha dividiu a população em cidadãos insatisfeitos e desapegados emocionalmente, que, a pouco e pouco, começam a isolar-se (Arendt, 2012, p. 365).

Por toda a Europa, surge uma “massa” de indivíduos que brota de uma sociedade em colapso, na qual as classes se extinguem. O conceito de “massas” começa a ganhar forma e a adquirir sentido: os movimentos totalitários dependiam de uma massa atomizada e individualizada (*idem*, p. 368). Foi este fenómeno que permitiu “alimentar a máquina de poder e de destruição de homens que é o domínio total” (*idem*, p. 360), resultado do “desemprego em massa e do crescimento populacional dos últimos 150 anos”, bem como, posteriormente, das conquistas do Leste, por parte da Alemanha, que tornaram possíveis os campos de extermínio (*idem: ibidem*).

O recrutamento das massas, porém, exigia uma seleção cuidada, sendo que todos os discursos e propaganda políticos teriam de se adaptar a indivíduos “politicamente indiferentes”, neutros, sem qualquer ligação anterior a um qualquer partido (*idem*, p. 362). Desta forma, este público não teria qualquer poder ou capacidade de argumentação ou refutação. Esta seria uma vantagem enorme para os nazis, uma vez que as massas, existentes em qualquer país, constiuem a maioria dos indivíduos neutros, sem qualquer filiação a um partido ou movimento. De entre estes indivíduos, o movimento totalitário, de forma a garantir a sua expansão, procura a lealdade total, a qual só encontrará em pessoas “isoladas que, desprovidas de outros laços sociais — de família, amizade, camaradagem — só adquirem o sentido de terem lugar neste mundo quando participam num movimento” (*idem*, p. 373).

A relação estabelecida entre o líder e as massas constitui uma das mais peculiares características do totalitarismo, uma vez que, contrariamente a qualquer outro governo

fascista, o totalitarismo não se limita a controlar as massas através do Estado e da violência, mas recorre a técnicas de dominação interna dos seres humanos, atribuindo sentido aos seus pensamentos, às suas ações e a toda a sua conduta, uma vez que pretendiam o controle total de todas as esferas da sua vida (*idem*, p. 375). Por outro lado, o líder, sem o apoio das massas, perderia o seu poder, tal como Hitler terá afirmado “tudo o que vocês são, o são através de mim; tudo o que eu sou, sou somente através de vocês”, expressando a importância desta interdependência (*idem: ibidem*).

Assim, os movimentos totalitários conseguem organizar as massas a seu favor, recorrendo à força psicológica, principalmente. Foi nesta época que se desenvolveram novos e eficazes métodos de propaganda, capazes de influenciar o público pretendido.

O regime totalitário de Hitler baseou-se numa promessa do líder “Nunca reconhecerei que as outras nações têm o mesmo direito que a nação alemã” (*idem*, p. 410), afirmando que o povo alemão seria superior, por natureza, a qualquer outro povo. Por isso, seria imperativo aniquilar qualquer povo cuja “raça” não pertencesse à nova sociedade “ariana”, que estaria para ascender e dominar o mundo. Assim, a “doutrina” nazi podia ser resumida num conceito: *Volksgemeinschaft*. Traduzido para o inglês “people’s community”, esta expressão pretendia apelar à união de todas as classes, acabando com o elitismo – em suma, pretendia-se uma sociedade sem propriedade e sem classes, igualitária. Claro está que, porém, esta igualdade era reconhecida, apenas, ao povo alemão (*idem: ibidem*), entendido como uma unidade nacional, os *Volkischen*, que se distinguiam das demais etnias pela sua “raça” e cultura (Adorno, 1947, p. 80).

Segundo Arendt³ “o que distingue os líderes e ditadores totalitários é a obstinada e simplória determinação com que, entre as ideologias existentes, escolhem elementos que mais se prestam como fundamentos para a criação de um mundo inteiramente fictício”. No caso do regime nazi, Hitler ressaltava a “influência oculta dos judeus no passado”, servindo-se deste elemento histórico plausível para criar uma generalização acerca desta etnia. Cria-se, então, um artifício que move e controla as massas, num mundo fictício que se sobrepõe ao mundo real (Arendt, 2012, p. 411). A obstinação dos nazis pelas suas próprias mentiras torna a ficção em algo indiscutível: a conspiração judaica tinha de ser combatida com uma contraconspiração, os alemães tinham de se defender e, por isso, o racismo e o antissemitismo não eram teorias debatíveis, mas sim uma realidade prática e científica (*idem*, p. 412). Numa sociedade onde apenas importava a origem racial e a vida dependia de uma

³ Arendt, H. (2012). *As Origens do Totalitarismo*. S. Paulo: Companhia das Letras, pág. 411.

fisionomia “ariana”, questionar esses valores significava pôr em causa a própria existência (*idem: ibidem*).

Este seria, portanto, um elemento fundamental do totalitarismo: mudar radicalmente a natureza humana. Invadir o espaço e a mente das pessoas, moldando a sua capacidade de pensar, limitando-a, e controlando a sua iniciativa de ação, permitia criar estruturas que monitorizavam a vida de cada indivíduo (Andrade, 1994, p. 9). Pretendia-se combater a pluralidade e reduzir o espaço público, para que este pudesse ser facilmente vigiado e administrado pela propaganda.

O regime totalitário serviu-se, também, da crise do Estado-Nação (no final do século XIX), que garantia os direitos de todos os cidadãos, para negar, aos judeus, o seu estatuto como tal e retirar-lhes todos os benefícios adjacentes a essa condição. Assim, os judeus foram privados da proteção que o Estado lhes concedia, como cidadãos, e foram considerados, daí em diante, apátridas (*Staatenlose*) (*idem, p. 8*). Desta forma, justificou-se a perseguição e extermínio dos judeus, bem como a ideologia antissemita, que sustentava o regime (*idem: ibidem*).

O comportamento antissemita advém de “indivíduos obcecados e privados da sua subjetividade” (Adorno, 1947, p. 81), movidos pela ânsia da posse exclusiva, da “arianização da propriedade judaica” e do poder sem limites, a qualquer preço (*idem: ibidem*). O antissemitismo cega e consome o espírito de um indivíduo, que age sem qualquer objetivo ou finalidade, apenas descarrega a sua cólera sobre aqueles que não têm nenhum poder de comando, o que implica um “nivelamento por baixo” (*idem: ibidem*). O desejo mais delirante do antissemita reside nas “fantasias racistas sobre os crimes dos judeus, sobre os infanticídios e excessos sádicos, sobre o envenenamento do povo e a conspiração internacional” (*idem, p. 88*) e prende-se com a crença de que o indivíduo de origem alemã se distingue do judeu pela sua natureza humana, cuja essência não se encontra neste último. Assim, a morte dos judeus seria legítima, pois este povo atentava contra a vida e bem-estar dos alemães, que se viam forçados a perseguir o seu inimigo e a defender-se, pois este era considerado uma ameaça – “quem é escolhido para inimigo, é percebido como inimigo” (*idem: ibidem*).

Portanto, a ação dos alemães seria plenamente justificada pela ideologia nazi, fenómeno que Arendt⁴ designa como “banalidade do mal”. A autora cria esta expressão quando, durante o julgamento intensamente mediatizado de Adolf Eichmann, em 1961, se apercebe que, no lugar de quem se julgava um monstro sanguinário, estava um funcionário público, honesto e

⁴ Arendt, H. (1963). *Eichmann in Jerusalem: a Report on the Banality of Evil*. London: Faber and Faber, pág. 90.

obediente, que apenas cumpria ordens superiores e agia conforme a ordem legal vigente na Alemanha nazi. Este burocrata trabalhava com vista a progredir na sua carreira, exercendo todos os direitos e deveres que lhe eram concedidos pelo Estado. O mal, conclui Arendt, seria uma prática do quotidiano naquela época. Então, como condenar um indivíduo que, sem consciência, sem questionar, nem duvidar dos seus dirigentes, agia conforme as normas impostas pela sociedade em que estava inserido? Ainda assim, Eichmann foi condenado à morte por crimes contra os judeus e contra a Humanidade, tendo sido enforcado em 1962.

Os crimes perpetrados pelos nazis durante a 2ª Guerra Mundial só foram esclarecidos mais tarde, no final do conflito. A população, na época, não teria conhecimento dos meios e dos reais propósitos do Partido Nacional-Socialista⁵, uma vez que, para os movimentos totalitários, qualquer programa específico, qualquer conteúdo concreto sobre a sua política, seria um entrave para mover as massas a seu favor (Arendt, 2012, p. 373); os governantes totalitários geralmente iniciam as suas carreiras vangloriando-se de crimes passados e planeando, secreta e discretamente, os seus crimes futuros, ocultando dos seus discursos qualquer referência ao “domínio mundial” (*idem*, p. 412) e aos campos de concentração e de extermínio.

Habitualmente, os líderes totalitários anunciam os seus planos políticos em forma de profecia e, ao longo do seu regime, a prioridade é fazer com que as suas predições se tornem verdadeiras (*idem*, p. 398). Esta é uma das principais características de um líder de massas: a sua infinita infabilidade⁶. O exemplo mais conhecido de um anúncio de uma “profecia” diz respeito ao discurso de Hitler, em 1939, quando se dirigiu ao *Reichstag* alemão: “Desejo, hoje, mais uma vez, fazer uma profecia: caso os financistas judeus (...) consigam novamente arrastar os povos a uma guerra mundial, o resultado será (...) a aniquilação da raça judaica na Europa” (*idem: ibidem*).

A partir daqui, o líder terá de reunir todos os seus esforços e esquematizar os seus movimentos, de forma a cumprir o que havia anunciado e, acima de tudo, nunca assumir um erro.

Mas não só a “raça judaica” seria exterminada. Como Hitler havia preconizado, todos aqueles que não possuíam intelecto ou “sangue ariano” deveriam ser executados e dar lugar à

⁵ Aquando da formação do partido, os seus dirigentes nunca clarificaram que medidas tomariam contra os judeus e contra todos os “não-arianos”, apenas falavam numa “limpeza social”. Mesmo o nome do partido, “Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães”, não define exatamente qual a política adotada, mas antes incorpora duas políticas que se julgavam incompatíveis: a Direita e a Esquerda – os nomes “alemães” e “trabalhador” ligavam o nacionalismo da Direita ao internacionalismo da Esquerda (Arendt, 2012: 406).

⁶ O primeiro juramento do Partido Nazi dita que “o *Führer* sempre tem razão” e que “a decisão de Hitler é final!” (Arendt, 2012: 398).

“raça” superior, para que o “jardim florido” não fosse invadido pelas “ervas daninhas”⁷. Em 1942, Himmler declara que todas as crianças polacas com características “arianas” (“normalmente desenvolvidas”, com “traços nórdicos”, de olhos azuis e cabelos loiros) deveriam “ser enviadas a famílias alemãs dispostas a aceitá-las, sem reserva, por amor ao bom sangue que elas têm” (*idem*, p. 391).

O secretismo constituía, então, uma imperativa dos regimes totalitários, estendendo-se, também, ao próprio funcionamento do Estado, cuja estrutura pode ser comparada com uma cebola (*Zwiebelstruktur*), devido à sua divisão por camadas: “cada camada – as organizações, as associações profissionais, o facto de se ser membro do partido, a burocracia do partido, as formações de elite e os grupos da polícia – constitui uma fachada para a camada exterior e outra para a camada interior” (Arendt, como referido em Andrade, 1994, p. 10). Esta forma de organização permitia o secretismo, evitava fugas de informação, golpes e traições por parte de inimigos infiltrados, por exemplo. Desta forma, torna-se perceptível a eficácia do controlo das instâncias de poder sobre a população, orientando-a perfeitamente no sentido dos seus planos obscuros, sem esta se aperceber.

3.2 Estrutura da Ideologia Nazi

3.2.1 Teorias Pseudocientíficas⁸

Na década de 1870, surgem, por toda a Europa Ocidental e América do Norte, várias teorias da sociedade, que procuravam explicar a inconstância da pós-revolução industrial. Alicerçadas na teoria da evolução das espécies de Darwin, que explica a diversidade de espécies de seres vivos através do processo de evolução, estas ideias defendem a existência de características biológicas e sociais que determinam a superioridade de um indivíduo perante outro. Estes indivíduos seriam os mais aptos, os mais capazes, que lutam pela sua existência e sobrevivência.

O termo darwinismo social é, assim, conotado de forma pejorativa, ao distinguir indivíduos superiores e inferiores, instigando a luta entre grupos e etnias e motivando ideais de eugenia, racismo, imperialismo, fascismo e nazismo.

No decurso da mesma época, proliferavam as falsas teses de uma conspiração judaica

⁷ Bauman (1998) compara o genocídio moderno com um trabalho de jardinagem, no qual as ervas daninhas ameaçavam a beleza do jardim e, por isso, deveriam ser eliminadas. Por muito difícil que seja aceitar, o Holocausto foi, segundo o autor, um produto da modernidade, uma decisão racional que atendia às normas sociais da época.

⁸ in United States Holocaust Memorial Museum (ushmm.org).

e do perigo daquele povo para os cristãos e para as “raças superiores”, argumentando-se, por exemplo, que os judeus usavam sangue de crianças cristãs nos seus rituais. Este ódio, de cariz religioso, contra os judeus, logo foi adotado pelas políticas nacionalistas, criando-se, na Alemanha, França e Áustria, partidos anti-judaicos.

Neste contexto, na Rússia Czarista são criados “Os Protocolos dos Sábios de Sião”, de cariz político, de forma a defender o czar contra os judeus e maçons que conspiravam contra o seu império e almejavam a conquista e dominação do mundo, como expressavam os Protocolos. Numerosas investigações e artigos foram publicados, apresentando provas da falsidade destes textos, porém, estes tendem a resistir a essas provas – nas palavras de Umberto Eco⁹, “não são os Protocolos que geram antissemitismo; é a profunda necessidade das pessoas de isolarem um inimigo que as leva a acreditar nos Protocolos”. Gera-se, assim, “A Grande Mentira” dos séculos XIX e XX, criadora do ódio e da violência (Eco, como referido em Eisner, 2006, p. ix).

Durante os anos que se seguiram, a partir de 1930, desenvolveu-se o racismo científico (teoria científica das raças humanas), movimento que se propaga a par do darwinismo social e que marca a história da cultura europeia. Estas correntes eram ensinadas nas mais conceituadas universidades da Europa e da América do Norte, impulsionando, também, as ideias de “higienização racial” e de eugenia, que defendiam a esterilização daqueles que possuíssem “defeitos” hereditários ou que exibissem um comportamento anti-social hereditário, como era designado. Em vários países europeus, como a Suíça e a Suécia, assim como nos Estados Unidos da América, a eugenia constituiu-se como lei.

Na sua obra *Mein Kampf* (1925), Hitler aperfeiçoa uma das teorias que melhor sustentava o nacional-socialismo: a teoria das raças. Segundo os princípios do *Führer*, na humanidade existia uma única raça fundadora da civilização, a ariana; outras raças que se haviam apoderado da civilização ariana, adaptando-a e corrompendo-a, como a chinesa e a japonesa; e uma outra que seria a destruidora dessa civilização: a judaica (Reich, 1972, p. 76).

A teoria das raças e do sangue puro foi imposta na Alemanha Nazi como “lei natural” e ditava que a mistura do sangue ariano, puro, com o sangue de outras raças inferiores seria um crime contra a natureza, significando “a regressão física e espiritual” da raça superior (*idem*, p. 75). A contradição desta lei natural poderia resultar na fúria da natureza, que se vingaria do ser humano que ousasse “misturar-se” com outra raça diferente da sua,

⁹ in Eisner, W. (2006). *O Complô*. São Paulo: Companhia das Letras, ix.

“provocando a esterilidade dos bastardos” e “limitando a fertilidade dos seus descendentes” (*idem: ibidem*).

Hitler, recorrendo ao absurdo, vai mais longe na pregação da sua “teoria do sangue puro”, servindo-se do conceito de “incesto” para se referir à “mistura” de um ariano com um não-ariano. Ora, o termo “incesto” diz respeito à consumação do ato sexual entre pessoas ligadas pelo mesmo sangue, o que revela a incoerência do discurso do *Führer* (*idem, p. 77*).

Estas teorias e ideais formam, portanto, os pilares da ideologia nazi, cuidadosamente arquitetada por filósofos, académicos e artistas alemães, que, aliados a uma antropologia racial fraudulenta, definiram os princípios pseudocientíficos para a disseminação da sua doutrina.

Numa Alemanha onde já a sociedade simpatizava com o antissemitismo e com o racismo e proclamava o espírito nacionalista, não se afigurou muito difícil, para o partido nacional-socialista de Hitler, incutir na população os seus preceitos. Para além disso, as massas não conseguiam ficar indiferentes a um *Führer* tão entusiasticamente convicto da superioridade germânica em relação a todas as outras etnias.

Aqui, não podemos deixar de notar que as “teorias” de Hitler não apresentavam qualquer argumento plausível, mas apoiavam-se em “sentimentos irracionais”: “ele sente-se superior e isso é tudo para ele” (*idem, p. 77*). Por isso, a linguagem dos nazis, perante as massas, deveria sempre ser dotada de sentimentos e crenças e não de argumentos, conhecimentos e provas científicas, uma vez que se pretendia exaltar os valores da alma da raça – são estas frases místicas que surtem efeitos psicológicos sob as massas (*idem, p. 80*).

3.2.2 Ideologia e Misticismo

O nacional-socialismo, alicerçado nos pilares de narrativas ancestrais, que explicavam o sentido do mundo e da sociedade, conseguiu que a sua doutrina fosse admitida pelas massas, unificando as suas crenças, legitimando o poder dos que dominavam e assegurando a integração social (Sironneau, 1985, p. 262).

O mito, como uma estória sagrada, é capaz de responder às questões essenciais colocadas pelas massas, instigando a sua mobilização. Os nazis fundaram, assim, uma mitologia própria, baseada na anterioridade civilizacional e na superioridade da raça ariana, povo heroico, descendente de um sagrado cósmico e vital (*idem, p. 265*). Estes ideais certamente iludiram e cativaram a atenção da sociedade alemã. O velho mito da origem judaico-cristã foi quebrado, pois a ação dos mitos modernos é revolucionária e reflete as

expressões, os sentimentos e as vontades das massas (*idem*, p. 257). Os judeus não seriam mais bem-vindos nesta sociedade moderna, nem tampouco os asiáticos e os cristãos, pois estes seriam os responsáveis pela corrupção e impureza dos arianos das origens.

A alma e o heroísmo nórdicos seriam constantemente ressaltados pela propaganda nazi, assim como as suas exímias qualidades físicas e morais. Por isso, o novo mundo anunciado por Hitler, “o Reich de mil anos” (*idem*, p. 266), só seria possível depois de uma longa e sangrenta batalha, eliminando as impurezas raciais e combatendo os inimigos dos arianos: “(...) o objetivo pelo qual se combateu durante a guerra era o mais sublime e poderoso que o homem pôde conceber: era a liberdade e independência da nossa nação, a garantia do nosso futuro suprimento de alimentação e a nossa honra nacional.” (Hitler, como referido em Reich, 1972, p. 76).

Esta define-se como uma das características mais fortes da ideologia, que distingue, com clareza, os aliados dos inimigos e funciona como guia de ação. O ser humano moderno e descendente do povo ariano deveria triunfar sob a antiga humanidade e dominar a terra. Um novo cenário milenarista é proclamado por Hitler, quando exige uma rutura total com o passado e a ascensão de uma nova ordem, direcionada para o futuro, em busca da terra ideal (*idem*, p. 260).

As massas são persuadidas a aspirar à mudança, a trabalhar para “a transformação da realidade histórico-social” (*idem*, p. 259). Segundo Servier¹⁰, esta transformação social será impulsionada pelo milenarismo, que constitui o desejo de encontrar a Terra Prometida. Emerge, neste contexto, a utopia da cidade tradicional, da quietude e da plenitude, de um futuro planeado. Os indivíduos procuram, portanto, a estabilidade e a cidade ideal, prometidas pelo regime nazi.

Portanto, contrariamente à sociedade contemporânea, na sociedade moderna do século XX proclamava-se o progresso e a transformação do ser humano e do seu meio envolvente. A utopia funcionava, assim, como forma de criar interações sociais suficientes para movimentar pessoas e nações, impulsionando a modificação da realidade e do mundo. A sociedade moderna é cuidadosamente regulamentada e organizada e, uma vez esgotadas estas condições, assistimos à emergência de uma sociedade líquida, sem projetos a longo prazo e sem foco no progresso¹¹.

¹⁰ como referido em Sironneau, J-P (1985). *Retorno do Mito e Imaginário Sócio-Político e Organizacional* in *O Retorno do Mito*. Bibliothèque de l'Imaginaire, Presses Universitaires de Grenoble. pág. 260.

¹¹ Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.

3.2.3 O Poder e a Violência

Num mundo altamente moderno, que serviu de cenário para o nascimento e expansão da ideologia nacional-socialista, o poder e a violência assumem um caráter diferente daquele que é tradicional, “primitivo”, que marcou fortemente as sociedades industrializadas do século XIX.

O grande projeto da modernidade reside na ideia do domínio do ambiente, da natureza e do mundo, através do controlo. A modernidade, que sujeita a sociedade a uma constante mutação, traz consigo novos riscos e perigos – riscos económicos (quedas das bolsas, inflação, desemprego), tecnológicos (centrais nucleares), sanitários (novas doenças), etc. – e a humanidade, consciente disso, deslegitima as práticas violentas. A violência é uma forma de manifestação, para “se fazer ouvir”, lutar contra as injustiças e, por isso, assume-se como um meio legítimo de ação (Martucelli, 1999, p. 169).

Quando o Terceiro Reich procurava meios de conquistar o seu lugar numa sociedade dotada de informação, onde os indivíduos procuravam o conhecimento, a estilização do imaterial, a distância (*idem*, p. 162), compensada por elementos simbólicos mediatizados, tais como os canais informativos (*idem*, p. 161), depressa percebeu que a sua estratégia de recrutamento de aliados seria muito mais eficaz se recorresse à manipulação das massas, que se começavam a formar num contexto de miséria e crise social, através dos meios de comunicação e da propaganda e não a partir da força física. A “atitude emocional e irracional básica do homem oprimido” (Reich, 1988: 72) abriu, assim, as portas ao fascismo, que lhe oferecia uma alternativa à teoria económica do socialismo, uma doutrina que o poderia instruir e encaminhar e um Estado com o qual se poderia identificar e servir.

Desta forma, o nazismo pretendia criar um novo ser humano, educando-o e moldando-o à sua medida, para que se adaptasse às normas do Estado e da sociedade sem que fosse necessária qualquer força policial ou qualquer tipo de coerção (*Anwendung von Zwang*) (Tal, 2004, p. 2). A via da informação torna a violência muito mais aceitável, por isso, o Reich recorria frequentemente ao uso de meios imateriais e especializados, afastando-se da “energia”, da proeza física e do trabalho (Martucelli, 1999, p. 162).

Hitler era “um orador eloquente e artiloso que atraía um grande número de seguidores”¹², pelo que, conquistando poder entre as massas e tornando-as submissas, o recurso à violência não era imperativo. Segundo Jovenel¹³, “um homem sente-se mais

¹² in United States Holocaust Memorial Museum (ushmm.org).

¹³ como referido em Arendt, H. (1985). *Da Violência*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília. pág. 22

homem quando se impõe e faz dos demais instrumentos da sua vontade” – quanto mais audiência conquistasse, mais poder Hitler detinha. A violência só ocorre, assim, quando há uma interrupção do discurso e do diálogo, isto é, quando o poder se desvanece.

Arendt, acerca da distinção entre poder e violência, afirma que a forma extrema do poder caracteriza-se pela luta “Todos contra Um”; e a forma extrema da violência assenta na luta de “Um contra Todos”, sendo que a última nunca é possível sem o recurso a instrumentos de coação¹⁴. O povo judeu, claramente em maioria, devia ser combatido, na perspectiva de Hitler, através da força bruta – só assim os nazis podiam lutar contra o poder do seu adversário, constringendo-o e submetendo-o à sua vontade. Então, a violência assume um caráter desconcertante, pois, na sociedade da informação, esta tende a reafirmar os direitos da “energia” (Martucelli, 1999, p. 162).

Posto isto, na era histórica em análise, a violência, como recurso de uma autoridade ao exercer uma forma de poder e como instrumento de coação, tem como fim último o alcance de propósitos políticos – como o totalitarismo e o holocausto.

3.2.4 Exploração da Mente

Ao longo da História da humanidade, muitos foram os teóricos e investigadores que desenvolveram teorias, procurando explicar a origem e o fundamento das políticas fascistas e perceber como estas se propagavam pelo mundo moderno.

No início da década de 30, o psicanalista marxista W. Reich desenvolve uma extensa e riquíssima análise acerca da emergência do fascismo e explica como este fenómeno se tornou num amplo movimento de massas, estudando os processos psíquicos comuns a uma determinada classe, que podem explicar a sua aceitação cega da ditadura.

Recorrendo às descobertas revolucionárias de Sigmund Freud acerca do inconsciente e da sexualidade infantil, Reich explica como a ideologia e a propaganda afetam o sistema económico e como atuam na mente do indivíduo. Estabelece, assim, uma relação entre repressão sexual e exploração humana (Reich, 1972, p. 72).

A estrutura de carácter da humanidade varia consoante a época em que esta está inserida e depende da estrutura ideológica da sociedade em questão. Desta forma, numa sociedade patriarcal e autoritária, o totalitarismo serviu-se de diferentes fatores, manipulando as massas de forma eficiente e relativamente rápida.

¹⁴ Arendt, H. (1985). *Da Violência*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília.

A era da modernidade, marcada, então, pela sexologia do patriarcado, reduz a sexualidade a algo desumano, sujo e demoníaco. A sexualidade natural, portanto, não existe neste tipo de sociedade, uma vez que é sempre influenciada por este tipo de juízos de valor, o que a conduz a uma total esterilidade (*idem*, p. 84).

Os traços básicos das estruturas de caráter dos indivíduos começam a constituir-se na primeira infância. Na Alemanha da década de 30, a educação era, essencialmente, conservadora e, ao longo do crescimento, os indivíduos não conseguiam acompanhar “as rápidas mudanças das condições sociais de onde se originaram” e “mais tarde entram em conflito com novas formas de vida” (*idem*, p. 72).

O fascismo é, tipicamente, um fenómeno da classe média-baixa, pois a família autoritária é uma característica deste estrato social. Na classe operária, a família tradicional caracteriza-se pela entrada da mulher no mercado de trabalho, uma vez que não consegue sobreviver apenas com o ordenado do patriarca. Na classe média-baixa, o sustento da família, normalmente, só depende do homem, conservador e ditatorial, embora enfrentem, também, dificuldades económicas. Este é, portanto, o modelo padrão da família alemã da época de 30.

Deste modo, a família autoritária apresenta-se como a “base psicológica das massas em todas as nações para a aceitação e o estabelecimento da ditadura” (*idem*, p. 73), que reprime e pune a sexualidade natural do indivíduo. A organização sexual da sociedade fascista controla, em primeiro lugar, a liberdade sexual das mulheres, dos adolescentes e das crianças, distorcendo todo o conceito de sexualidade natural e convertendo-o num ato diabólico e profano (*idem*, p. 83).

A figura do pai, despótica e dominante, cria, na mente infantil, o medo de liberdade, tornando-a tímida, submissa e obediente. Todos os impulsos vitais se associam ao medo e desencadeia-se uma “paralisação geral do pensamento e do espírito crítico” (*idem*, p. *ibidem*), provocada pela proibição do sexo e da sexualidade.

Ao longo do crescimento e da vida adulta, a religião e o misticismo dão continuidade e fortalecem o processo de inibição sexual. Esta repressão suga toda a energia sexual do indivíduo, que perde a capacidade para a felicidade e não consegue atingir a satisfação natural. Assim, é obrigado a procurar satisfações substitutas, como a agressão e a violência (*idem: ibidem*).

Todo o aparato militar, a propaganda fascista que enaltece o povo alemão e todas as formas de humilhação de outras etnias provocam um sentimento de superioridade e contentamento no indivíduo oprimido económica e sexualmente, que “passa a agir, sentir e

pensar contra os seus próprios interesses materiais” (*idem: ibidem*), amparando-se na figura do *Führer*. Agora, surge uma contradição na mente do indivíduo: por um lado, existe um desejo enorme de liberdade; por outro, um medo profundo de ser livre (*idem: ibidem*).

A inibição sexual tem como consequências, para o indivíduo submisso, a ausência de autoconfiança, a insatisfação e a falta de produtividade no trabalho. Esta situação miserável é compensada pela ideia fantasiosa de pertença a uma raça dominante e de ter um líder tão brilhante, que o encaminha e o protege, tal como o faz o pai no seio da família autoritária (*idem, p. 74*). Em última instância, é esta necessidade que as massas desenvolvem, da presença constante do *Führer* no seu quotidiano, que proporciona ao líder o poder absoluto de manipulação e controle sobre as mesmas.

Já em *Mein Kampf* (1925), Hitler evoca o caráter emocional e sentimental do povo, afirmando que as suas ações e pensamentos são isentas de raciocínio (*idem, p. 73*) e, assim, atraindo essas emoções para si, o *Führer* consegue adotar uma postura de confiança, segurança e esperança para um povo instável e vulnerável.

3.3 A Perceção Social e a Construção Social da Diferença

O grande projeto nazi assentava na legitimação da diferença e da desigualdade étnica: a propaganda insistia na diferença, bem delineada, entre os arianos e todas as outras raças não-arianas. Este fenómeno não demarcava uma oposição entre os arianos e as outras etnias, mas limitava cada uma ao seu próprio espaço, à sua identidade histórico-cultural e às suas relações de filiação, ou seja, havia um confronto de diferenças (Barros, 2008, p. 1).

Mais do que uma desigualdade social, que se prende com o domínio do “estar”, das “circunstâncias”, a propaganda nazi pretendia fixar, com clareza, o abismo existente entre os arianos e os “outros”, argumentando que os contrários não se misturam, pois a diferença pertence ao âmbito do “ser” (*idem, p. 2*) – arianos e não-arianos jamais se assemelham, quer física, quer biologicamente.

O Ministério da Propaganda Nazi procurou formas de influenciar as massas aquando da interpretação destas informações. A diferença foi amplamente explorada pelos propagandistas, à medida que o governo nacional-socialista desenvolvia a construção social da diferença: a raça ariana era ensinada a perceber-se como tal e a saber distinguir-se das outras.

No âmbito da psicologia, a perceção trata-se do processo de consciencialização do mundo envolvente, dos objetos, dos acontecimentos e dos relacionamentos, através dos

sentidos – reconhecer, observar e interpretar. Assim, a percepção é o que permite ao indivíduo atribuir significado ao seu meio.

A percepção dos elementos que prendem a atenção do indivíduo é tratada em três fases pelo seu organismo, para que seja possível atribuir um significado àquilo que está a ser percebido: sensorial (características elementares do objeto, tais como cor, textura, localização, etc.); figurativa (começa a surgir uma figura, com determinada profundidade, materialidade e solidez); cognitiva (correspondência entre a figura percebida e os conhecimentos e memórias do sujeito, atribuindo ao objeto propriedades cognitivas) (Jimenez, 1997, p. 22). Na etapa cognitiva, o ambiente visual tridimensional está completo, os objetos percebidos estão inteiros e têm a si associada uma identidade (*idem*, p. 39).

O processo de percepção começa precisamente com a atenção, uma primeira fase de observação seletiva, em que o indivíduo tende a focar em certos elementos em prol de outros. São vários os fatores que influenciam a atenção, desde os fatores externos aos fatores internos. De entre os fatores externos, destacam-se a intensidade com que os nossos estímulos são despertados (por exemplo, sons altos e insistentes), o contraste (como as cores dos semáforos), o movimento e a incongruência, uma vez que o absurdo e o bizarro captam rapidamente a nossa atenção. Já na categoria dos fatores internos, importa referir a motivação e o interesse, a experiência e a força do hábito, que fazem com que prestemos mais atenção àquilo que já nos é familiar e o fenómeno social, ou o *habitus*, na teoria de Bourdieu¹⁵, que explica que indivíduos pertencentes a diferentes classes ou contextos sociais desenvolvem gostos diferentes – “o olho é um produto da história reproduzido pela educação” (Bourdieu, 2007, p. 10) –, logo, o seu foco de atenção varia consoante o *habitus*.

A propaganda nazi, cuidadosa e estrategicamente estruturada, não ignorou o processo de percepção humana e estudou-o meticulosamente para prender a atenção das massas. Em termos de propaganda fotográfica, recorreu, com perspicácia e veemência, à representação maliciosa e absurda da imagem dos judeus, concretamente. Muitas fotografias mostravam, por exemplo, judeus doentes, deficientes ou em condições de miséria, argumentando que estes seriam um “estorvo para a sociedade”. Qualquer ariano criado no seio de uma família tradicional alemã sentir-se-ia completamente distinto daquela raça que ali estava representada.

A educação autoritária favorecia, portanto, a atenção prestada a este tipo de fotografias, que significavam a diferença abismal entre as duas etnias. Esta forma de percepção

¹⁵ Bourdieu, P. (2007). *A Distinção: Crítica Social do Julgamento*. S. Paulo: EDUSP.

de características humanas, no caso, da etnia, pode ser, assim, construída socialmente. A educação e a cultura, deste modo, facilitam e antecipam o processo de percepção (Jimenez, 1997, p. 116) – diante de um objeto novo, os conhecimentos que foram transmitidos socialmente, portanto, os “conhecimentos comuns” (*idem*, p. 115), permitem ao indivíduo moderno ter percepção das suas características. Claro está que, dependentemente da classe social e da educação que recebeu, cada indivíduo focará a sua atenção nas propriedades do objeto segundo perspectivas diferentes.

Então, o que o Ministério da Propaganda Nazi planeava era, precisamente, dotar as massas (entenda-se, indivíduos da classe média-baixa, inseridos no padrão tradicional de família, oprimidos, que ansiavam por um líder e por uma nação forte e superior) de esquemas cognitivos relacionados com a sua propaganda anti-semita, que representavam não só as “propriedades estritamente cognitivas” dos objetos retratados nas fotografias, como também as suas “características perceptivas” (*idem*, p. 116).

Existiu, desta forma, por parte deste regime totalitarista, um trabalho minucioso de construção perceptiva, ou seja, de construção de um significado que influenciou, de facto, as massas. As mensagens anti-semitas foram assimiladas pelos indivíduos, ao aplicarem os seus conhecimentos prévios no momento de confronto com a propaganda – conhecimentos baseados nas suas experiências anteriores e conhecimentos fornecidos por uma cultura dominada pela ideologia nazi (*idem*, p. 118).

3.4 A Manipulação da Identidade

É claro que o judeu também é um ser humano. Nenhum de nós jamais duvidou disso. Mas uma pulga também é um animal. E não é um dos mais agradáveis. Já que a pulga não é um animal agradável, não temos nenhuma obrigação de proteger ou defende-la, de cuidar dela para que ela possa nos picar e atormentar e torturar. Ao contrário, nós a tornamos inofensiva. É a mesma coisa com os judeus. (Eitzen, como referido em Luz, p. 109)

Como entender o antissemitismo, o racismo, o preconceito e o estigma de que foi alvo o povo judeu e que o Ministério da Propaganda Nazi tão fria e desumanamente expôs em fotografias propagandísticas?

Toda a propaganda nazi utilizou uma técnica que se veio a revelar incontestável por toda a nação ariana: a construção de uma teoria do estigma, cuja ideologia explica a

inferioridade das raças não-arianas e alerta para o perigo que estas representam. Este estigma causa, assim, efeitos de descrédito, fraqueza e desvantagem dos outros indivíduos em relação à raça ariana, atribuindo-lhes características profundamente depreciativas, a nível físico (deformidades físicas), a nível de carácter (crenças falsas, desonestidade, distúrbios mentais, vícios, alcoolismo, homossexualidade, desemprego e comportamento político radical) e a nível de raça, nação e religião, que são hereditárias e podem contaminar todos os elementos da família (Goffman, 2004, p. 7).

Hitler e o partido nacional-socialista estipularam a diferença entre a raça pura ariana e todas as outras etnias, atribuindo-lhes uma identidade social virtual, não correspondente à realidade, estigmatizando-as e anulando-as no seio da sociedade e no “contexto da produção técnica, científica e humana” (Melo, 2000, p. 1). Em relação aos judeus, particularmente, foram criados estereótipos que os reduziram a uma espécie maléfica e traiçoeira, não-humana, até – constituindo, desta forma, uma “discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real” (Goffman, 2004, p. 6), na medida em que os judeus poderiam ter sido facilmente aceites na relação social do quotidiano, mas os seus traços considerados indesejáveis destruíram a possibilidade de atenção para os seus atributos (*idem*, p. 7).

Para o povo judeu estigmatizado, a sociedade ariana eliminou todas as suas oportunidades de vida, suprimindo a sua identidade e degenerando a sua imagem, de acordo com os propósitos que mais lhe convinha, de forma a manter o padrão de poder. Tudo o que era estranho ou diferente dos padrões da sociedade ariana era considerado nocivo e prejudicial e, por isso, os mecanismos de poder anularam a individualidade e conservaram a imagem deturpada das raças estigmatizadas, mantendo a eficácia do seu simbolismo (Melo, 2000, p. 2).

Os sentimentos antissemitas podem ser associados a questões psicológicas relacionadas com o gosto, paixões e tradições populares que motivam ações de grupos no meio social (Sartre, como referido em Rodrigues, 2016, p. 163), com o intuito de se afirmarem e conquistarem o poder. Segundo Sartre¹⁶, as opiniões antissemitas precedem de uma lógica passional e não racional, isto é, advêm de gostos subjetivos ligados ao ódio e à cólera e em nada se relacionam com uma perspetiva historiográfica ou sociológica.

Deste modo, a argumentação de Sartre assenta na ideia do antissemitismo como um pensamento incoerente e irracional, uma vez que os argumentos ligados ao preconceito se

¹⁶ Sartre, J-P (1965). *Anti-Semite And Jew: An Exploration Of The Etiology Of Hate*. Schocken Books: New York.

baseiam em tradições e concepções subjetivas acerca dos judeus. É neste sentido, por exemplo, que Sartre relata a resposta de um inquirido quando questionado sobre a sua postura antissemita: “Eu odeio-os porque são interesseiros, intrigantes, pegajosos, viscosos e sem tato.” (*idem: ibidem*). Por conseguinte, este pensamento traduz-se num medo que o antissemita tem de si próprio e de descobrir a verdade para além daquela que lhe foi transmitida pelos órgãos de poder, de modo que carece de um espírito crítico que o leve a questionar a ordem do mundo e da sociedade, temendo pela mudança dos mesmos e da alteração daquilo que, na sua consciência, é um princípio inquestionável. Este facto não nega, no entanto, a total livre escolha que o antissemitismo representa para o indivíduo, que determina a perspetiva pela qual concebe o mundo (*idem, p. 164*).

O antissemitismo, à luz da análise de Sartre, pode ser pensado como um medo face à realidade multicultural da existência humana (*idem, p. 168*). A diversidade cultural e a multiplicidade étnica agridem a ideologia da pureza racial e da obscenidade da miscigenação e os judeus, na Alemanha Nazi, representam um alvo de fácil ataque, utilizado pelos arianos para exteriorizar os seus sentimentos de ódio e de repulsa – noutra contexto, servir-se-iam dos negros, dos homossexuais, dos ciganos, etc. (*idem, p. 166*). Os grupos minoritários são, assim, o seu “ponto de autoafirmação” (*idem: ibidem*).

Esta autoafirmação racial provém de uma alma coletiva irracional com tendência a criar estados ultraconservadores, com uma força de inúmeros argumentos e um poder de persuasão que ultrapassariam quaisquer argumentos racionais. Segundo Sartre, o antissemita "só ousa matar no anonimato de uma multidão", como forma de se sentir incluído numa elite, elite esta que se assemelha a uma aristocracia de sangue, não dependendo do mérito nem do trabalho – a superioridade é uma coisa que se atribui para sempre e não há como perde-la (*idem, p. 169*). Assim, para além do prazer do ódio, o antissemita também transparece um prazer positivo ao tratar os judeus como nocivos e inferiores, de forma a elevar-se na sua presença.

A intolerância e a irracionalidade não são exclusivas de nenhuma nação ou povo e, por isso, o perfil do antissemita pode ser encontrado em qualquer sociedade em que os indivíduos não tenham a capacidade de lidar com o que lhes é estranho e se revoltam contra uma identidade diferente daquela que conhecem. Por conseguinte, os *outsiders* são considerados a causa de todos os problemas sociais e económicos e a solução para livrar a nação desta crise passa por priva-los dos seus direitos, afasta-los dos seus afazeres do quotidiano, expulsa-los do território e, até mesmo, extermina-los (*idem, p. 163/166*).

Desta forma, todas as ações tomadas no decorrer da “Solução Final” parecem basear-se numa concepção metafísica de que os judeus são intrinsecamente malignos e que participaram, por essência, em todos os desastres e crises que se desenrolaram ao longo da História da humanidade – por parte dos nazis e dos mais radicais, não se trata, por isso, de um mero desprezo pela cultura e pela aparência dos judeus, mas de uma concepção mais abstrata da origem perversa da raça (*idem*, p. 165). Torna-se perceptível, portanto, que não é o caráter dos judeus que provoca o antissemitismo, pelo contrário, é o antissemita que cria o judeu estereotipado como avarento, conspirador e propenso ao mal.

Ainda que Sartre defenda o princípio de que “nenhum fator externo pode levar o antissemita ao antissemitismo” (*idem*, p. 169), admite que este pode ser um fenómeno impessoal e social, condicionado por questões económicas, históricas e políticas. Assim sendo, o preconceito não pode ser tratado inofensivamente como uma opinião subjetiva, pois esta liberdade de opinião pode legitimar o preconceito. Como o antissemitismo é uma doutrina que visa especificamente um grupo de pessoas e tende a negar-lhes o direito à participação na sociedade e à própria vida, é imperativo que não seja protegido pelo direito à livre opinião (Sartre, 1995, p. 9).

Nesta linha, Adorno e Horkheimer¹⁷ tecem uma crítica da sociedade por relativizar a verdade como uma questão subjetiva, quando esta sofre influência da história e do meio. De facto, o antissemitismo pode ser considerado um traço do caráter cuja formação se adquire ao longo do desenvolvimento social, cultivando-se uma tendência à adesão às ideias preconcebidas e divulgadas das mais variadas formas e nos mais variados grupos sociais – portanto, não é um aspeto isolado da personalidade.

Segundo esta teoria, o antissemitismo representa uma atitude que alguém adota não apenas para com os judeus mas para com a humanidade em geral, assumindo uma postura preconceituosa e discriminatória em relação a outros grupos minoritários, como demonstraram os resultados das escalas que mediram o grau de antissemitismo e o grau de etnocentrismo de uma amostra.

Assim, recorrendo ao conceito de etnocentrismo, Adorno e Horkheimer mostraram que esta “estrutura mental” abrange o conceito de antissemitismo e que os dois se correlacionam: a ideologia etnocêntrica faz a distinção entre *ingroups* e *outgroups*, sendo que o primeiro é forte e poderoso e confere ao indivíduo um sentimento de pertença e o segundo

¹⁷ Adorno, Theodor W.; Horkheimer, Max (1985). *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar.

é objetivamente mais fraco, representa uma ameaça e, por isso, é rejeitado. Esta distinção é essencial, pois representa o pensamento social e categoriza as pessoas de acordo com o grupo social a que pertencem. Desta forma, a humanidade não é vista como um todo.

3.5 A Construção do Judeu Errante

É sabido que o pico das perseguições aos judeus aconteceu na 2ª Guerra Mundial, com Adolf Hitler, provocando o fenómeno do Holocausto. Contudo, anterior a essa data, em diferentes momentos históricos se assistiu à perseguição de judeus, culminando na sua dispersão por vários países europeus após o abandono de Jerusalém, devido às invasões romanas e a segunda destruição do Templo, em 70 d.C..

No caso de Inglaterra, registaram-se grandes perseguições aos judeus, num país em que a literatura poderá ter contribuído para a dissipação do antissemitismo, provocando, assim, a criação de estereótipos relacionados com essa etnia.

Os autores Celi dos Santos e Silvio Paradiso¹⁸ analisaram três diferentes obras britânicas de modo a encontrar registos de antissemitismo, personificado nas seguintes personagens: Barrabás, em *O judeu de Malta (1590)*, de Christopher Marlowe; Shylock, em *O Mercador de Veneza (1600)*, de William Shakespeare e, por fim, Fagin, em *Oliver Twist (1838)*, de Charles Dickens. Foi, então, possível constatar que aos judeus foram associados termos com conotações negativas (signos), contribuindo, assim, para a construção de uma imagem deturpada daquele povo. Ao mesmo tempo que se atribuíam características negativas e discriminatórias aos judeus, criava-se uma distinção entre este povo e o povo de Inglaterra, visto como distinto.

No que concerne às obras em questão, quando as peças de Marlowe e Shakespeare foram lançadas em Inglaterra, os judeus, anteriormente expulsos, não se encontravam naquele país. No entanto, a literatura acabou por ficar na memória das pessoas e, quando os judeus voltaram a ser admitidos em Inglaterra, no século XVII, as conotações negativas expressas nas obras foram associadas aos mesmos.

Apesar disso, os autores reconhecem na obra de Shakespeare uma visão mais humanizadora dos judeus, ao contrário de Marlowe, que lhes associa, entre outros significados, o poder satânico. Mais tarde, no século XIX, Dickens cria a personagem *Fagin*, presente em *Oliver Twist*, que também despoletou, na mente da população, significados

¹⁸ Santos, C., Paradiso, S. (2012). A imagem do judeu na literatura britânica: Shylock, Barrabás e Fagin. *Diálogos e Saberes*, 8 (1), 213-231.

antisemitas. Marlowe contribuiu para a criação da imagem do judeu como um ser vil e associado a Satanás, dedicando a sua vida a práticas como o roubo e fornicação. Shakespeare utiliza o seu discurso para criticar a cultura judaica e exaltar o poder de controlo dos ingleses sobre os judeus, contribuindo, assim, para a criação de estereótipos negativos daquele povo. Já Dickens, indo de encontro a estas conotações negativas, através da criação da personagem Fagin, projeta os judeus como sendo ladrões e aliciadores, tendo citado várias vezes na sua obra a palavra “judeu” como forma de distinção entre o povo judeu e os ingleses. Apesar disto, a única diferença entre esta e as obras anteriores é que, em *Oliver Twist*, Dickens não ataca diretamente a religião judaica.

Os discursos políticos, culturais e religiosos característicos destas épocas influenciaram os autores na criação destas narrativas, de forma a agradarem o público em geral. Assim, através da criação destas personagens, estes autores contribuíram para a propagação do antisemitismo, de forma direta ou indireta, dentro e fora da sua época.

Assim, o judeu torna-se numa figura eternamente errante, mito que se disseminou pelo mundo e foi explorado por diversos autores, concretamente, os teólogos cristãos, que utilizavam a sua figura como um exemplo que remete ao castigo e à conversão (Ferreira, 2000, p. 3).

Esta figura mítica documentada em textos impressos e transmitida através da oralidade com o passar dos séculos, possui várias representações que lhe conferem traços cosmopolitas e universais, existindo inúmeros textos e imagens que dão conta da existência da mesma. Nesse universo de obras, a literatura de cordel brasileira, influenciada pelos textos ibéricos que realçam a conversão ao Cristianismo, liga a figura do judeu errante à punição e ao Anticristo e condena-o a vagar por toda a eternidade e sem nunca poder entrar no céu (*idem*, p. 4) e Severino Borges representa essa mesma figura como o perseguidor de Cristo e “propiciador de mau agouro”, numa obra em que descreve o escárnio dos judeus pelo sofrimento de Jesus (*idem*, p. 5). O judeu errante, nesta linha, anseia pelo triunfo da injustiça e pela perenidade do poder social, exercido de modo oculto e malfeitor (*idem*, p. 2).

Estes e outros exemplos tornam possível analisar como diversos textos e imagens do judeu errante se dissiparam ao longo dos tempos, utilizados como instrumentos de moralidade Cristã, sendo profundamente discriminatórios.

3.6 A Psicologia da Violência

A ascensão dos movimentos autoritários poderá estar relacionada com deformidades e

perversões sexuais, assim como abusos físicos e psicológicos dos quais os líderes fascistas poderão ter sofrido no seio da família. As atrocidades cometidas durante a 2ª Guerra Mundial são, muitas vezes, explicadas a partir de argumentos psicológicos, que recaem sobre a violência e prazeres sádicos atribuídos aos órgãos de poder do nacional-socialismo, nomeadamente, a Hitler.

O sadismo do líder nazi é frequentemente associado a atos de coprofilia, que consistem em comportamentos sexuais a partir da manipulação, fixação, fotografia, afeto ou transtornos obsessivos ligados às fezes e ao monorquidismo (existência de apenas um testículo). Quanto aos abusos diários de um pai alcoolizado, este não era um fenómeno incomum na Europa do final do século XIX, como observa Fromm¹⁹: a individualidade forma-se a partir das interações com as pessoas do círculo de relações, pelo que o desenvolvimento de uma criança pode ser analisado de fora para dentro, isto é, se no seio da família os indivíduos são afetados pelas condições da sociedade em maior grau, ao ponto de sofrerem e sentirem medo e insegurança, a criança será diretamente influenciada. Por conseguinte, formas doentias de viver são transmitidas e tidas como normais (Reavey, 2011, p. 19).

Ainda que situações semelhantes de perversão e abusos contra as crianças em ambiente familiar aconteçam em qualquer parte do mundo, o elemento sádico típico dos nazis não se reproduz em nenhuma outra política fascista, nem mesmo na União Soviética, onde o alcoolismo e a violência doméstica eram comuns e o estalinismo era atroz e sangrento (*idem: ibidem*). Assim, Fromm²⁰ analisa um modelo de poder autoritário extremo, em que associa o masoquismo e o sadismo, de forma que o masoquista, controlado pelo aparente poder do sádico, não é livre de escolher as suas ações. Este modelo poderá, então, explicar a base sadomasoquista da ideologia nazi.

¹⁹ Erich Fromm, psicanalista, sociólogo e filósofo alemão, defende a moldagem do indivíduo pela sociedade: "o poder externo da sociedade confronta-se com a criança crescida numa família através dos pais e (...) especialmente através do pai. O pai é, em relação ao filho, o primeiro veiculador da autoridade social, não sendo, em relação ao conteúdo, um modelo, mas sim uma cópia".

Em relação à ideologia nazi, afirma que, se de um lado o poder externo é "um componente essencial para a conclusão da conformação e subjugação da massa sob tal autoridade", por outro lado, a sociedade não poderia funcionar somente "através do medo dos meios físicos de execução do poder".

²⁰ Fromm, E. (1983). *O Medo à Liberdade*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Fromm, E. (1990). *Man for Himself: An Inquiry Into the Psychology of Ethics*. New York: Henry Holt and Company.

4. A Fotografia e a Propaganda

4.1 Fotografia e Sociedade

A fotografia assume-se como uma forma de registo da imagem, que, com o avanço do processo tecnológico, pode ser alcançada pela grande maioria da sociedade.

A verosimilhança passa para segundo plano e assiste-se à abertura e maior flexibilidade da sociedade em relação à subjetividade das coisas, a uma maior autonomia. Por isso, surgem variadíssimas perceções e interpretações sobre imagens que vemos todos os dias, que, mesmo sem nos apercebermos, estão manipuladas e pelas quais nos deixamos manipular. Isto porque o mundo captado por uma objetiva é apenas uma representação da realidade e o mundo real, palpável, torna-se uma ilusão quando transformado em fotografia.

Nas palavras de Freund²¹, a fotografia faz parte do quotidiano e está incorporada na vida social, chegando a todos os estratos sociais – daí a sua importância política. Assim, “mais do que qualquer outro meio, a fotografia é capaz de exprimir os desejos e as necessidades das camadas sociais dominantes, e de interpretar à maneira delas os acontecimentos da vida social” (Freund, 1995, p. 20). Os grupos dominantes servem-se, portanto, da imparcialidade de uma objetiva com o intuito de fotografar uma realidade distorcida, que vá de encontro aos seus interesses, “já que o caráter da imagem é determinado, a cada vez, pelo modo de ver do operador e pelas exigências dos seus mandantes” (*idem: ibidem*).

Contudo, impõe-se a questão: alguma fotografia, por muito sedutora e manipuladora que seja, tem o poder de convencer os consumidores a abdicarem da liberdade de escolha? Aqui, poderemos traçar um dos limites da fotografia como manipulação de massas, uma vez que a vida quotidiana é muito mais complexa do que as imagens mediáticas indicam, independentemente do seu conteúdo.

Recorrendo ao campo de estudos da cultura visual, as fotografias assumem-se como aspetos visuais e funcionam como fonte de transmissão cultural, interferindo na forma como os seres humanos veem o mundo. Segundo John Berger²², “a visão dá o poder de ver as coisas e interpreta-las conforme a vivência de cada indivíduo”, ou seja, o significado de uma imagem é alterado conforme aquilo que nós conhecemos, aquilo em que acreditamos, o ambiente que nos rodeia, bem como a sociedade e a época em que estamos inseridos.

²¹ Freund, G. (1995). *Fotografia e Sociedade*. Lisboa: Vega. pág. 20.

²² Berger, J. (1980). *Modos de Ver*. Lisboa: Edições 70.

Não é de censurar, portanto, que uma nação inteira se tenha deixado seduzir pelas fotografias mediáticas que Goebbels produzira durante o totalitarismo nazi. O *Führer*, fazendo-se valer dos seus discursos, incutia na mente do seu público o ideal nazi, a “purificação” do povo alemão, o perigo judeu. E as suas palavras materializavam-se sob a forma de imagens. Toda a Alemanha se havia tornado num “campo de concentração”, onde as pessoas eram forçadas a lidar com a ideologia nacional-socialista e as fotografias dos principais intervenientes, os “arianos” e os “judeus”, circulavam uma e outra vez, até se tornarem familiares, próximas, aceites e compreendidas por todos.

4.2 O Mundo Real e o Mundo Simbólico

Roland Barthes, nos seus famosos estudos acerca da “Rhétorique de l’image”²³, afirma que “a palavra imagem deveria estar ligada à origem de imitari”, ou seja, existe uma relação de similaridade entre a imagem fotográfica e aquilo que ela representa. Portanto, as imagens são representações analógicas, cópias da realidade.

Por outro lado, Pierre Francastel²⁴ aborda esta questão tendo em conta o carácter social e histórico da imagem, mostrando que esta é uma “representação perspectiva do mundo”, uma figuração, uma ilusão referencial.

Apesar destas duas diferentes conceções de imagem fotográfica, esta é, indubitavelmente, “a única linguagem compreendida no mundo inteiro e, ao aproximar nações e culturas, une a família humana” (Gernsheim, como referido em Sontag, 1986, p. 166). O uso da fotografia é tão constante e recorrente, pois é um meio a partir do qual se pode dizer tudo, expressar qualquer vontade e servir qualquer propósito.

A fotografia redefine, assim, a noção da realidade, das pessoas, dos acontecimentos, das coisas. Manipula, portanto, o real, funcionando como uma marca, um “rasto”, fornecendo apenas uma interpretação daquilo que o mundo é na verdade (Sontag, 1986, p. 136). Assim, as imagens transformam-se num registo para ser analisado.

Na sociedade moderna, com fins muito específicos para a produção e disseminação da imagem, a câmara fotográfica constrói duas formas de olhar para a fotografia: “como espetáculo (para as massas) e como objeto de vigilância (para os dirigentes) (*idem*, p. 157).

Os dirigentes totalitários, no caso desta investigação, rápido se aperceberam que as fotografias podem ser usadas como forma de elaborar um mundo substituto, regulado por

²³ Barthes, R. (1964). *Rhétorique de l’Image* in Revista *Communications*, n^o4, pág. 40.

²⁴ Francastel, P. (1989). *Etudes de Sociologie de l’art*. Paris: Éditions Gallimard, pág. 136.

imagens escolhidas especificamente para servir os seus objetivos. As fotografias tornam as imagens imediatamente acessíveis e estas são suscetíveis de sofrerem diferentes interpretações, consoante a forma como são manipuladas.

As imagens “unem o que na realidade é descontínuo” (*idem*, p. 154), isto é, é possível, através de uma imagem desfavorecida de um judeu (que sofre com a perseguição nazi), associar esta etnia à miséria, ao fracasso e ao perigo. A fotografia, pelas suas características, permite obter rapidamente resultados como este, o que justifica a sua utilização perversa pelo regime totalitário de Hitler.

4.3 O Mundo Moderno e o Poder da Imagem

Desde o início da História da Humanidade que a realidade é interpretada e exprimida através de imagens – nas sociedades primitivas, os primeiros seres humanos já pintavam cenas do seu quotidiano. O desenho e a pintura adquiriram grande avanço e as técnicas foram aperfeiçoadas ao longo dos séculos, produzindo e reproduzindo imagens. Com a invenção da “câmara escura”, no século XVIII, os pintores puderam esboçar as suas ideias a partir de imagens da realidade que eram produzidas nesta câmara, invertidas e enantiomorfas.

Este fenómeno permitiu que pintura e fotografia, de ora em diante, se complementassem, embora, num primeiro momento, a fotografia fosse encarada como uma “ameaça” à atividade artística e à pintura. A fotografia começou a ser muito utilizada pelos pintores, que descobriam novas técnicas de luz e de movimento e novas formas de interpretar a realidade, como a arte abstrata (Sontag, 1986, p. 130).

No século XX, a imagem assume um papel relevante que submete as massas às informações e dados que esta relata acerca da realidade, uma vez que a ilusão das religiões cai em descrédito perante o conhecimento científico (*idem*, p. 135). Assim, segundo os ensaios de Sontag²⁵, “uma sociedade torna-se “moderna” quando uma das suas principais atividades é produzir e consumir imagens, quando as imagens (...) passam a ser indispensáveis para a saúde da economia, para a estabilidade da política e para a procura da felicidade privada”. E, na verdade, numa sociedade moderna, são as imagens fotográficas que provocam este fenómeno.

De entre as variadíssimas formas de usar uma câmara e de as razões pelas quais a usamos (rituais familiares, turismo, registar acontecimentos e assuntos interessantes, etc.), as

²⁵ Sontag, S. (1986). *Ensaio sobre Fotografia*. Lisboa: Publicações D. Quixote, pág. 135.

fotografias podem ser um modo de despertar e mobilizar consciências, muito eficaz quando inseridas numa situação histórica determinada (*idem*, p. 25). Mas a prova fotográfica pode ser classificada como irreal ou provocar um impacto desmoralizante se não contar com “uma forte consciência política que determina a possibilidade de sermos moralmente afetados por fotografias” (*idem*, p. 27), ao proceder à identificação do acontecimento registado. O grau de familiaridade do público em relação às imagens também influencia o impacto que este vai sentir quando as observar – ver uma fotografia de Bergen-Belsen sem ter conhecimento da situação e do sofrimento que dela brota, não nos atinge nem magoa da mesma forma que o faria se conhecêssemos aquele horror inimaginável (*idem*, p. 28). Assim, se a prova fotográfica corresponder às nossas crenças e conhecimentos e estiver colocada no ambiente à nossa volta, maior será o impacto que a fotografia terá sobre nós – se variarmos o ambiente, as nossas crenças serão diferentes (McGinn, 2011, p. 128).

Uma fotografia provoca a nossa indignação e angústia por ser algo original, uma surpresa que nos causa estupefacção. À medida que as imagens se propagam e se tornam virais, depois de muitas observações, indubitavelmente tornam-se familiares e vulgares, tornando irremediáveis os acontecimentos que registam, como a miséria, a atrocidade, a injustiça e a guerra. Ainda que muitas fotografias não conservem, portanto, a sua carga emocional, muitas delas, como as dos campos de concentração nazis, “alcançaram o estatuto de pontos de referência éticos” (Sontag, 1986, p. 29).

Na Alemanha, cerca de 1928, o célebre Erich “Herr Doktor” Salomon apercebe-se deste “poder” da fotografia, do quão aliciante poderia ser mostrar às pessoas fotografias únicas, originais e ilustrar os acontecimentos noticiados pelos média (Freund, 1995, p. 116). Salomon ficou conhecido pela sua destreza e discrição em fotografar o que era proibido ou ilegal e divulgar, na imprensa, essas fotografias “secretas”, fossem elas autênticas ou fabricadas (encenadas) – o importante era causar sensação (*idem*, p. 118).

Porém, o fotojornalismo moderno e o espírito democrático que se manifestava na imprensa é substituído pelo “critério único da sua fidelidade ao Terceiro Reich” (*idem*, p. 124) no momento da subida de Hitler ao poder. Herr Doktor Salomon, assim como muitos outros fotógrafos judeus, é forçado a fugir para a Holanda, sendo exterminado pelos nazis mais tarde.

O Terceiro Reich estava, portanto, bastante consciente das consequências que a divulgação de uma imagem desfavorável poderia causar. Assim, Hitler instaurou a censura, determinando que “apenas se publicavam fotografias encorajantes” e “que não pudessem

prejudicar o esforço de guerra” (*idem*, p. 161), no fundo, imagens incapazes de despertar a consciência do seu público contra o Reich e a sua doutrina e tornar a guerra impopular.

Começa, então, uma guerra entre a imprensa alemã e a dos aliados, sendo que ambos os lados instruem os seus fotógrafos no sentido de se censurarem a si mesmos e não captarem imagens que parecessem desvantajosas para o seu país.

4.4 A Propaganda Nazi e a Manipulação de Massas

Propaganda, arma poderosa tão capaz de permitir o funcionamento dos regimes democráticos como de sustentar ditaduras. (Quintero, 1990, p. III)

Por existirem num mundo não-totalitário, os movimentos totalitários são forçados a recorrer à propaganda, de forma a atingir todas as camadas da população que não são totalitárias, bem como as sociedades exteriores. Para este regime, é imprescindível fazer chegar a sua doutrina a todos os segmentos da população (Arendt, 2012, p. 391). A propaganda foi, assim, explorada pelos nazis de forma a legitimar o Reich e a sua luta pela “limpeza racial”, uma “arma” capaz de mover multidões e incutir na sua mente o ideal de “beleza ariana”. Durante a 2ª Guerra Mundial, a propaganda ficou associada ao controlo e à manipulação, para, portanto, manter um equilíbrio de poder a favor do propagandista (Quintero, 1990, p. III), pelo que este termo, associado a esta época, é conotado de forma negativa.

Quintero²⁶, no seu estudo acerca da propaganda, conclui que esta, provavelmente, em tempo de guerra e conflito, “atinge o seu cume mais brilhante”. O seu poder passa por exagerar a própria força, enaltecer os próprios valores e ideologias, rebaixar o inimigo e difundir falsas informações que atuem em seu favor. Hitler conhecia bem as faculdades da propaganda e soube como fazer desta uma “máquina de guerra”, capaz de submeter as massas à sua vontade. O século XX é o século, por excelência, das massas, que desempenham o papel principal no desenrolar de uma guerra.

Com efeito, é criada, no despoletar da 2ª Grande Guerra, uma organização de propaganda política e de guerra da máxima eficácia, o Ministério do Reich para Esclarecimento Popular e Propaganda (*Reichsministerium fur Volksaufklarung und*

²⁶ Quintero, A. P. (1990). *História Da Propaganda: Notas Para um Estudo da Propaganda Política e de Guerra*, III. Lisboa: Planeta Editora Lda.

Propaganda) (Pereira, 2003, p. 110), que recorre a todos os meios de manipulação da mensagem e da imagem (exagero, minimização, desfiguração), com o objetivo de destacar aquilo que mais importa para o propagandista. No Reich, o propagandista que lidera esta organização é Joseph Goebbels, para quem “toda a mentira é mais crível quanto maior for” (Quintero, 1990, p. 26). Nesta linha, Goebbels serviu-se, enquanto Ministro da Propaganda, de uma técnica que visava, sobretudo, “desqualificar e ridicularizar o propagandista adversário” – a propaganda negra (*idem*, p. 27).

Através da falsificação de fontes de propaganda, de revistas, fotografias e mensagens, por exemplo, Goebbels conseguia anular os efeitos das informações dos seus inimigos, sem recorrer a um ataque frontal. Esta técnica, contudo, exigia um emprego cuidado e atento, para não levar o público ao aborrecimento da repetição, evitar as “contradições flagrantes” e o exagero, que pode tornar uma mensagem pouco crível (*idem: ibidem*).

Para além de ter em conta o inimigo, a propaganda nazi de Goebbels dirigia-se a todas as “raças” consideradas inferiores à “raça ariana”, sendo os judeus, os ciganos e os poloneses os grupos mais afetados. Pretendia-se alcançar a “pureza racial”, baseada na eugenia nazi (ditando que os alemães são seres humanos biologicamente superiores a qualquer outra nacionalidade ou etnia) e na ideologia racista e antisemita.

Deste modo, a propaganda nazi foi dos sistemas mais perfeitos conseguidos durante a História, tanto que conseguiu mobilizar e convencer todo um povo culto como era o alemão. Isto, em parte, porque a propaganda totalitária não é uma questão objetiva sobre a qual o público possa tecer opiniões, “mas tornou-se parte tão real e intocável da sua vida como as regras da aritmética” (Arendt, 2012, p. 412).

Segundo Adorno (1947), a propaganda é falsa, manipuladora e inimiga da humanidade, “onde ela grita liberdade, ela contradiz-se a si própria” (p. 119); tem o poder de se apoderar da audiência, no caso, conquistar adeptos do Partido Nacional-Socialista, sem recorrer à violência (Arendt, 2012, p. 411).

Apesar desta conotação negativa, Ellul²⁷ afirma que a propaganda é, de facto, um fenómeno e uma característica do mundo moderno e um dos motores mais importantes do desenvolvimento tecnológico e da sociedade técnica e científica. Nas sociedades mais desenvolvidas tecnologicamente, independentemente dos diferentes métodos utilizados, as principais preocupações prendem-se com a eficácia e com o propósito de despertar, no público, a vontade de agir de acordo com as exigências do propagandista – nas palavras de

²⁷ Ellul, J. (1965). *Propaganda – The Formation of Men’s Attitudes*. New York: Vintage Books.

Goebbels, “We do not talk to say something, but to obtain a certain effect” (como referido em Ellul, 1965, p. x).

Assim, e ao contrário de muitos outros estudos, na perspectiva de Ellul é imperativo analisar uma nação inteira que se submeteu à influência da propaganda, agindo segundo as suas demandas, e não apenas um grupo, bem como é imprescindível ter em consideração a figura do propagandista e não a do psicólogo, procurando as razões que levam a comunicação mediática a influir na mente da população.

Apreensivo acerca das suas investigações, que apontavam para a emergência de uma tirania tecnológica sobre a humanidade, o autor considera a propaganda como um fenómeno social e aborda, nas suas teorias, as diferentes áreas da sociedade nas quais a propaganda atua e faz sentir os seus efeitos: 1. ação psicológica, cujo propósito é modificar opiniões recorrendo, apenas, a meios psicológicos; 2. guerra psicológica, que pretende “destruir” a moral dos adversários, para que estes duvidem das próprias crenças e ações; 3. “re-educação” e “lavagem cerebral”, métodos usados em prisioneiros, de forma a transformar inimigos em aliados; 4. relações humanas, a partir das quais um indivíduo é inserido numa dada sociedade, segundo certas regras e padrões, para que se possa sentir incluído e confortável, o que se traduz no principal objetivo da propaganda (*idem*, p. xiii).

Desta forma, a propaganda moderna dirige-se a cada indivíduo que pertence à “multidão”, considerando cada um, em particular, e o conjunto, em geral – a “massa”. A eficácia da mensagem mediática será maior quanto maior for o impacto que esta provoca no indivíduo, no qual se pretende incutir a impressão de que a mensagem é, especialmente, dirigida a si (*idem*, p. 8). Para tal, as técnicas usadas baseiam-se no conhecimento do ser humano, das suas tendências, desejos, necessidades e condições (*idem*, p. 4).

Devido ao avanço da sociedade tecnológica, os meios de comunicação têm o efeito surpreendente de atingir todos os indivíduos simultaneamente, explorando a sua necessidade de afirmação e de reconhecimento, criando a ilusão de que a eles se dirigem pessoalmente (*idem*, p. 8).

Durante a 2ª Guerra Mundial, os ouvintes da rádio e os leitores de jornais e revistas certamente constituíam um grupo movido pelos mesmos motivos, impulsos e impressões, partilhando dos mesmos interesses e sentimentos, experienciando reações semelhantes, simultaneamente. Portanto, é no momento em que cada indivíduo está sozinho no meio da multidão que a propaganda se torna mais eficaz (*idem*, p. 9). Assim, percebe-se que, de facto, a propaganda não existe sem os “mass media”.

As mensagens mediáticas disseminadas pelo Ministério da Propaganda Nazi revelaram-se altamente dominantes e persuasivas por serem divulgadas em todos os meios de comunicação possíveis – arte, música, teatro, filmes, livros, estações de rádio, materiais escolares e imprensa. É por esta razão que estas ações do Partido Nacional-Socialista se definem como propaganda, por se caracterizarem como “propaganda total”, uma vez que “a propaganda moderna deve utilizar todos os meios de comunicação” (*idem*, p. 9), caso contrário, não seria propaganda.

Na sociedade moderna, isenta de discernimento (Arendt, 2012, p. 355), Hitler rapidamente se fez valer do seu talento discursivo e do “fascínio” que provocava nos seus ouvintes. A sua competência em falar sobre qualquer assunto, com extrema convicção, permitiu que um “louco” se tornasse num “gênio” e fosse aceite e apoiado por toda uma nação. Esta proeza pode ser explicada pela “crença fanática que ele tinha em si mesmo” (Ritter, como referido em Arendt, 2012, p. 355).

Assim, o “fascínio” assume-se como um fenómeno social, em que o público alemão, no caso, se deixava iludir pelas convictas palavras de Hitler, sem nunca detetar quaisquer erros ou mentiras. Este “poder” do *Führer* foi um elemento importantíssimo na conquista das massas e no seu apoio durante as variadas crises internas e externas e face aos perigos das lutas interpartidárias – finalmente, seria o suporte e o consentimento das massas que garantiriam ao regime nazi a sua liderança (*idem*, p. 356).

Este seria, portanto, um dos primeiros passos propagandísticos que Hitler começava a pôr em marcha, tal como descrevera naquele que viria a ser o “catecismo” nazi, *Mein Kampf* (A Minha Luta). Aqui, o *Führer* pensa e desenha todos os métodos e princípios do nacional-socialismo e enfatiza a ideia de que “quando tomarmos o governo (...) o primeiro passo deverá ser uma inconcebível onda de propaganda” (Heiden, como referido em Arendt, 2012, p. 374).

Assim, o governo nazi, desenvolvendo um sistema altamente organizado, recorre ao “acúmulo da força sem a posse dos meios de violência” (Arendt, 2012, p. 411). Aqui, reside o sucesso propagandístico do regime totalitário, pois a propaganda, mais do que a violência física, persuade o ser humano, manipula-o, usa-se da verdade para conquistar adeptos para a sua causa (Adorno, 1947, p. 119).

Por conseguinte, para o regime totalitário, apenas interessa uma “quasi-unanimidade” (Ellul, 1965, p. 12), sem discussões, sem individualismos, sem opiniões. Através da criação do “mito”, a propaganda impõe um conhecimento específico, conforme os seus propósitos,

define uma única perspectiva, uma única interpretação, sem deixar espaço para divergências. Este “mito” pretende invadir a consciência (e inconsciência) de todos os seres humanos, forçando uma determinada visão do mundo e, uma vez reconhecido, torna-os imunes a qualquer outra influência. Esta estratégia de cercar e apoderar-se das ideias, sentimentos, vontades e necessidades de cada um é uma forma de incentivar a ação imediata por parte das massas (*idem*, p. 11).

A disseminação de centenas e centenas de imagens cuidadosamente produzidas e selecionadas pode ser definida como uma forma de pré-propaganda, uma propaganda sociológica que, aparentemente sem qualquer propósito, despertará, nas massas, uma disposição para aceitar, facilmente, a propaganda direta, aquela que realmente permitirá a construção da *Weltanschauung* (imposição de uma ideologia) e induzirá à ação (*idem*, p. 15).

A propaganda sociológica oculta a sua identidade e os seus propósitos, de forma a que o público não se aperceba da sua influência, atuando silenciosa e misteriosamente. A par deste método, os nazis desvendavam os seus meios, formas de organização e intenções de pressionar o público através de uma propaganda direta e aberta, como o mostra a criação de um Ministério da Propaganda (*idem*, p. 16).

O Ministério da Propaganda Nazi foi, de facto, um elemento essencial durante todo o regime, bem como toda a pré-propaganda, preenchendo todos os momentos da vida diária de um indivíduo. Por esta razão se pode chamar propaganda a estas ações dos regimes totalitários, pois não se limitaram às campanhas eleitorais. A propaganda total é contínua e de longa duração, influenciando, a pouco e pouco e de forma persistente, na vida do indivíduo, transportando-o para um mundo “à parte”, onde não existe espaço, nem tempo, que lhe permita refletir (*idem*, p. 17).

A importância da institucionalização da propaganda relaciona-se com a sua eficácia e com o facto de que esta se torna mais intensa dentro de um grupo, ou, neste caso, dentro de uma nação. Se se dirigir a nações externas ou a um inimigo, a propaganda torna-se fraca e pouco credível. Nestes casos, o regime nazi recorria à violência física (*idem*, p. 21).

O Ministério da Propaganda tinha, assim, entre outras, a responsabilidade de planear e elaborar, antecipadamente, estudos visuais que fornecessem todos os pormenores necessários à produção de fotografias (Ramos, 2004, p. 91). Desde o início da sua carreira política, Hitler já reconhecia o potencial das imagens para a veiculação da ideologia e conquista das massas. A manipulação de cenários, poses, recorte e retoque fragmentavam a representação do real, que permitia estabelecer, através destas imagens, uma nova ordem (*idem*, p. 95).

As fotografias, por si só, claro está que não surtiriam qualquer efeito se não fossem enquadradas num sistema de organização que permitisse que estas chegassem às massas de forma credível. A eficácia desta propaganda deveria ser tal que cada cidadão, trabalhador e cada soldado encontrasse, na causa “ariana”, o seu equilíbrio, a sua crença, força e dedicação, agindo conforme a ideologia nazi e lutando por esta causa. Este será o resultado de uma influência psicológica bem estruturada e bem sucedida (Ellul, 1965, p. 23).

No início dos anos 30, Hitler ainda procurava construir uma imagem idealizada do regime, pelo que as primeiras fotografias exaltavam um carácter patriótico, enaltecendo os alemães e apresentando os judeus e os russos, principalmente, como inimigos da Alemanha. O bem e o mal eram constantemente apresentados nas imagens de forma a “provocar violentas emoções e não deixar dúvidas no espetador sobre qual lado escolher” (Pereira, 2003, p. 111).

Assim começa a “nazificação” de todas as atividades artísticas e culturais alemãs, significando uma “purificação” da arte e a destruição das instituições culturais da República de Weimar²⁸ (*idem: ibidem*).

Toda a propaganda expunha ideais de beleza, perfeição física e “pureza racial”, contrapostos com personagens maldosos, feios, demoníacos e animais, associando direta e indiretamente estas características, respetivamente, aos “arianos” e aos judeus (*idem, p. 114*). As imagens manipuladas dos judeus pretendiam cultivar noções de perversidade, destruição e exploração, ao mesmo tempo que se reforçava a mentalidade antisemita e se incentivava o ódio e o desprezo por esta etnia. Assim, a imagem do judeu representava, sempre, um conspirador, um desonesto ou, até mesmo, um comunista.

De forma a impressionar ainda mais violentamente o público alemão, era muito comum representar um judeu, na propaganda, “sob a forma de insetos, cogumelos venenosos, ratos, cobras, vermes, doenças, etc.” (*idem, p. 114*). O judeu era considerado o destruidor do povo (*volk*), infiltrando-se na sociedade e cultura alemãs com o objetivo de as corromper, imagem que era enfatizada na propaganda, como um povo errante, sem origem nem destino – uma praga.

Apesar da inutilidade e do perigo que os judeus representavam, a propaganda nazi proclamava a “vida opulenta” e o “paraíso terrestre” que o regime havia construído para eles,

²⁸ Durante este período, houve, na Alemanha, uma intensa criação artística no cinema, artes plásticas, teatro e música. Com a chegada ao poder dos nazis, artistas e intelectuais judeus e adeptos da arte moderna foram afastados de cargos públicos e dos museus. O Reich ordenou que se fechasse a Escola Bauhaus, um dos centros fundamentais de ensino e propagação do modernismo nas artes visuais e na arquitetura, impôs um neoclassicismo ideológico como padrão artístico e reprimiu o abstracionismo como arte “degenerada”.

eliminando qualquer acusação de homicídio (*idem*, p. 115)²⁹. Assim, a propaganda manipulava e escondia a verdadeira e aterrorizante realidade dos campos de concentração. Para além disso, era comum os oficiais dos campos obrigarem os prisioneiros a enviar, para as suas famílias e amigos, correspondência, descrevendo como viviam em ótimas condições e como eram bem tratados pelos nazis³⁰.

Nos campos de concentração, porém, a propaganda seria um elemento proibido, uma vez que os prisioneiros, possuindo “almas de escravos”, não deveriam ser instruídos, mas disciplinados. Nestes locais, contudo, o terror continuava a ser implementado, física e violentamente (Arendt, 2012, p. 393), pois essa é a força do totalitarismo: a sua capacidade de isolar as massas do mundo real.

Este mundo real seria constantemente abafado pelas mentiras da propaganda e qualquer lacuna, qualquer pergunta ou boato seriam, no preciso momento da sua revelação, evitados e, até mesmo, eliminados, de forma a manter a “ficção” (*idem*, p. 402).

A mais engenhosa “ficção” produzida pela propaganda nazi diz, portanto, respeito à questão judaica. Como já foi referido, o antissemitismo fazia parte da existência pessoal de cada indivíduo, pelo que não seria, de modo algum, questionado. Assim, para pertencer à hierarquia nazi, era exigido um comprovativo de descendência alemã/ “ariana” e, quanto mais alto o posto nesta hierarquia, mais longe no passado se investigava a “árvore genealógica” (*idem*, p. 405).

4.5 A Propaganda do Nacional Socialismo: os argumentos de Joseph Goebbels

Dois anos passados desde a subida ao poder do partido nazi e da nomeação de Hitler para chanceler, o *Führer* considera brilhante o trabalho de Goebbels, expressando orgulho e júbilo no que concerne aos seus esforços e aos meios utilizados para enaltecer o Reich perante o mundo (Bytwerk, 2008).

O Nacional Socialismo torna-se alvo de críticas por todo o mundo, pelo que os seus líderes insistem na propaganda e em argumentos aparentemente indubitáveis, de forma a

²⁹ Em junho de 1944, as SS permitiram que uma equipa internacional inspecionasse o campo de Theresienstadt (localizado onde é hoje a República Checa). Antes desta inspeção, procedeu-se a uma “limpeza” e “decoração” do campo, que, supostamente, abrigava veteranos de guerra judeus, agora incapacitados, alguns idosos e artistas conhecidos localmente, para realizar pequenos trabalhos dentro do campo. Depois da inspeção, foi realizado um filme acerca de Theresienstadt, onde se ressaltava a boa vontade dos nazis para com os seus “residentes”, que mostravam satisfação com as condições em que viviam. Aquando da finalização do filme, os “atores” foram deportados para Auschwitz-Birkenau e eliminados. (U.S. Holocaust Memorial Museum *online*, consultado a 11 de agosto de 2016).

³⁰ U.S. Holocaust Memorial Museum *online*, consultado a 11 de agosto de 2016.

movimentar as massas. Desta forma, é imperativo apelar ao sentimento nacionalista e aos nobres valores da cultura alemã, que distinguem a raça ariana de todas as outras.

Assim, foi no congresso anual do Partido Nazi, em Setembro de 1935, que Goebbels expôs abertamente o significado da ideologia nazi, opondo-a aos princípios do Bolchevismo. À data, por toda a Europa Ocidental, as duas ideologias eram comparadas em termos de valores e objetivos: “in both countries are the same censorships on art, literature, and of course the press, the same war on the intelligentsia, the attack on religion, and the mass display of arms”, como afirmou o autor desconhecido de um artigo publicado num jornal Britânico, intitulado “Two Dictatorships” (*idem*).

Goebbels enfatiza o facto de que os nazis nunca poderiam ser comparados a uma nação sem religião ou fé, cujas forças satânicas apenas almejavam a destruição do mundo, ignorando a fome e a miséria do seu povo, em prol de objetivos meramente materialistas – o Bolchevismo não é apenas contra os grandes proprietários e contra a classe média-alta, burguesa: é contra a própria civilização humana. Goebbels admite a organização e a eficácia do sistema de propaganda comunista, que promete uma sociedade sem classes, livre de exploração, onde “tudo é de todos”; esta propaganda sabe, antes de mais, adaptar-se ao seu público e ajustar convenientemente a sua linguagem e a mensagem a transmitir: é “bourgeois” com a burguesia e “proletária” com os trabalhadores (*idem*).

Claramente, segundo o ministro da propaganda nazi, a ideologia bolchevista, bem como a propaganda comunista, é liderada por judeus: Marx, cuja ideologia marxista serviria de base para o comunismo, era judeu e a sua afirmação “a religião é o ópio do povo” era proclamada por Lénine. Por conseguinte, o judaísmo era entendido como uma raça inferior, sem religião, ou crença, sem nação e sem identidade, que apenas almejava o caos e a anarquia e a destruição da raça ariana.

O foco do discurso de Goebbels seria a imagem dos judeus e dos comunistas, responsáveis pela desordem espiritual e intelectual e pela decomposição das nações e fragmentação da sociedade, pois só desta forma conseguiriam alcançar o poder. A única forma de manterem a sua precária existência seria através da arte do disfarce e do engano, qualidade extraordinária que possuíam – Hitler afirmou, em muitos dos seus discursos: “To call this state (the jewish state) a “religion” was one of the cleverest tricks ever invented”³¹. Portanto, o Bolchevismo e o judaísmo pretendiam destruir a civilização e substituí-la por um sistema bárbaro, insano, como princípio fundamental da vida (*idem*).

³¹ Eitzen, K. H. (2008). *Ten Responses to Jewish Lackeys in The German Propaganda Archive*. Disponível em: <http://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/index.htm>.

A anarquia vermelha não devia, contudo, ser subestimada, mas enfrentada e destruída, caso contrário, o mundo ficaria entregue ao judaísmo, que se apropriaria de todas as conquistas culturais, comerciais, sociais e políticos da Europa Ocidental, em prol de um modo de vida nómada, degenerado e sem espírito ou aspiração.

Ao nazismo, por seu turno, foi-lhe confiada, pela Natureza e pela vontade de Deus, a tarefa de proclamar a raça superior e a alma pura da nação alemã e lutar contra a impureza da raça judaica e o espírito satânico dos comunistas. Desta forma, Goebbels desmente as notícias de assassinatos, torturas de prisioneiros, perseguição religiosa e vandalismo cultural, argumentando que estas são falsidades transmitidas pelo Bolchevismo, visto que a Alemanha e o Nacional Socialismo são o seu maior e mais perigoso inimigo. O objetivo do Bolchevismo é criar distração e ceticismo na sociedade, dividindo-a e tornando-a odiosa, pois só neste cenário é que o comunismo poderá triunfar.

Em contrapartida, o ministro desmascara o Comunismo, acusando os seus simpatizantes de assassínio individual e em massa, como forma de eliminar os opositores ao regime e à ideologia. Goebbels caracteriza-os como “políticos maníacos, histéricos e criminosos” (*idem*), que perpetuam o terror dentro e fora das fronteiras da União Soviética, inclusive na Alemanha, pelas mãos do Partido Comunista, denunciando vários crimes por este cometidos, que resultaram na morte de centenas de civis, e o facto de instigar a violência entre a população.

Assim, na propaganda comunista existe uma contradição colossal entre a teoria, que proclama “um paraíso para as crianças, onde a juventude é a mais feliz do mundo” (*idem*), e a prática, uma vez que, na realidade, milhares de crianças por toda a União Soviética são vítimas de trabalho forçado e a taxa de mortalidade infantil é desmesurada. Esta é a realidade que Goebbels pretendia dar a conhecer ao mundo, expondo, mais uma vez, a perspicácia dos judeus em conceber um sistema tão organizado de propaganda ateia, assente na mentira e na ilusão, tendo como fim último o ataque à humanidade. Nas palavras do ministro alemão, “only one possessed of a satanic malevolence could launch this revolutionary attack” (*idem*).

No decorrer da guerra, Goebbels atribuiu a crise da Europa e o ódio entre as nações ao “problema judeu”. Não há limites para o desejo de poder dos judeus, que, sem outro meio para alcançar os seus objetivos, acreditam que as armas e o conflito armado podem falar por si. Portanto, o seu sucesso depende da criação de cenários de desespero, onde não haja esperança nem forças que tenham de enfrentar.

É imperativo, então, estar alerta. Preparados para defender a liberdade e os direitos dos arianos como raça superior; preparados para combater a insegurança e a fraqueza que os judeus procuram instaurar na sociedade alemã; preparados para eliminar o veneno judeu e não deixar que este corrompa o pensamento e o sentimento da alma pura ariana; e preparados para construir o futuro da Europa, sem a obscuridade e obscenidade da miserável existência dos judeus.

Nesta altura, Goebbels mostra-se satisfeito com a repercussão dos ideais nazis pela Europa: os países ocupados pelos nacionais-socialistas começam a perceber que a força militar alemã é a única alternativa ao combate contra o terrorismo vermelho do leste e contra os seus líderes judeus e demoníacos.

Assim, em 1943, num artigo publicado em *Das Reich*, um jornal semanal fundado pelo Ministro da Propaganda (*idem*), Goebbels enaltece o sentido de justiça dos alemães, altamente desenvolvido, bem como o seu sentimento patriótico. Contudo, foi com a emergência do Nacional-Socialismo que os arianos tomaram consciência da sua superioridade e do que significa, realmente, ser uma pessoa. Este sentimento tão demarcado, porém, ainda tão prematuro e frágil, tem sido usado pelos inimigos, por forma a atacarem esta nação, principalmente a partir dos meios propagandísticos. O ministro acusa a Inglaterra e a França de conspirarem contra o *Führer* e contra o regime nazi, quebrando os laços de amizade entre as nações.

Por isso, os alemães devem aprender a defender-se, a dar valor à sua excelente educação conservadora e ao seu espírito naturalmente supremo e lutar contra as injustiças daqueles que recusaram manter-se a seu lado; devem aprender a odia-los com todas as suas forças, porque são eles que ameaçam as suas vidas e a sua ideologia; devem manter-se sempre persistentes, indignados com as críticas de que são alvo e egoístas, tal como eles se mostraram. É imperativo saber distinguir quem se deve amar e quem se deve odiar.

A raça alemã é o coração do mundo e está destinada a atribuir um fundamento à existência da humanidade, por isso, a sua missão é ganhar a guerra, independentemente dos sacrifícios e dos obstáculos que vão surgindo.

As palavras e os argumentos de Goebbels foram incessantemente repetidos ao longo do conflito, quer em discursos, quer em artigos, ensaios e imagens disseminadas dentro e além fronteiras. A simples repetição contínua de uma afirmação faz toda a diferença (Ellul, 1965, p. 24): mantendo o foco na imagem deplorável do judeu, apontando o nome do

inimigo, aclamando a força, o orgulho e a superioridade alemãs e exaltando o sentimento patriótico – era desta forma que a propaganda atuava na mente das massas, até estas se convencerem da veracidade destas premissas e atuarem a favor das mesmas. O propagandista, por seu turno, acreditava na causa que estava a servir e fazia uso de todos os meios ao seu alcance para alcançar o sucesso, o que não significava que reconhecesse, de facto, a autenticidade dos argumentos expostos (*idem: ibidem*).

5. Análise de Fotografias

A fotografia (...), embora admitindo a subjetividade da câmara, repousa na nossa convicção de que aquilo que nós, os espectadores, vemos existiu de facto, que aquilo ocorreu em determinado e exato momento e que, como realidade, foi apreendido pelo olho do observador. (Manguel, 2001, p. 93)

A representação do conteúdo das imagens fotográficas deve ser feita de modo absolutamente comprometido com a época histórica na qual estas se inserem e com o público-alvo a que se destinam. Estes documentos desempenham um importante papel na sociedade, pois funcionam como registo da realidade e como um testemunho histórico da ocorrência de factos, da existência de pessoas e da participação das mesmas em eventos.

O material visual é usado para definir o mundo como “ele deveria ser”, revelando ao espetador uma identidade e uma “ordem das coisas” positivos consoante o que é pretendido, em determinado contexto, pelo fotógrafo (Reavey, 2011, p. 22). Desta forma, segundo a “estética funcional” de Bourdieu, uma “boa” fotografia consiste no quão apurado e “limpo” é o objeto fotografado, na sua composição e naquilo que é incluído e excluído conforme o que é relevante e que permita, acima de tudo, uma resposta apropriada do espetador (Bourdieu, como referido em Reavey, 2011, p. 19). O principal mediador entre o espetador e a imagem é o imaginário, que permite a construção de uma relação entre o indivíduo e os objetos fotografados, de forma a que o material visual seja capaz de influenciar e antecipar as reações e as ações do espetador.

As imagens propagandísticas do Terceiro Reich utilizavam esta técnica, fomentando e legitimando sentimentos de ódio e de repúdio no público. Esta seria a forma mais eficaz de aproximar os espetadores dos problemas da sua vida quotidiana, realçando todos os aspetos negativos de uma sociedade corrompida pelos judeus (Reavey, 2011: 17). A constante repetição de fotografias alusivas a este tema conquista a atenção e prende o olhar dos observadores – “ainda que as fotografias cheguem do mundo para os indivíduos sem que eles peçam, aquelas que são seleccionadas, avaliadas, apreciadas (...), que passam pelo fio da cultura, são capazes de provocar emoções nos espetadores” (Barthes, 1980, p. 31).

A análise das fotografias seleccionadas seguirá a seguinte ordem:

- Conteúdo Informativo

Serão consideradas as seguintes categorias:

1. identificação de seres vivos (quem: faixa etária, gênero, etnia, aparência);
2. localização da imagem no espaço e no tempo (onde e quando: adereços e cenários);
3. ações específicas (como: movimento do corpo, comunicação posicional).

- Dimensão Expressiva

A posição a partir da qual a câmara capta as figuras principais revela-se, igualmente, crucial nesta análise, com vista a perceber a organização espacial dos elementos, os níveis de luz e de cor e qual a sua intencionalidade.

1. técnica de produção da fotografia (posicionamento da câmara e enquadramento)

- Impacto

Aqui, pretende-se perceber de que forma a mensagem fotográfica foi recebida pelo público-alvo, que reações suscitou e que consequências daí advieram, bem como que ações foram levadas a cabo.

Para além destas dimensões, existem três tipos de mensagens contidas nas fotografias: a mensagem linguística, a mensagem icónica não-codificada (denotações) e a mensagem icónica codificada (conotações). A mensagem conotada tem sempre um carácter cultural; a denotada tem um sentido mais natural. Na fotografia, há uma identificação automática do objeto representado (não codificado).

A denotação, nas fotografias antisemitas que se seguem, tem o intuito de apelar ao bizarro e provocar repugnância no público, expondo imagens de pessoas reais e criando uma ligação facilmente perceptível, ao primeiro olhar, entre os seus retratos e a sua imagem.

5.1 The Eternal Jew³²



Figura 1

³² Conjunto de quatro fotografias retiradas da obra: Eher, F. (1937). *Der Ewige Jude*. Munich: Zentralverlag der NSDAP.

Figura 1: “The Jew in his element: With Blacks in a Parisian night club. The Jew bring people the glittering world of perversion as a way of unnerving and enslaving them. He seems to worry as little about it as the rats worry about the plague they carry.” (Eher, 1937, p. 97).

	Categorias	Conteúdo Informacional	Dimensão Expressiva
Quem	Faixa Etária	30 -50 anos	Fotografia de grupo; festa
	Gênero	Masculino e Feminino	
	Etnia	Judeus e Negros	
	Aparência	Homens: roupas formais; Mulher: vestido curto e acessórios.	
Onde/ Quando	Adereços e Cenários	Clube noturno, em clima de festa.	
Como	Movimento do Corpo e Comunicação Posicional	Descontração e alegria; ausência de pudor; liberdade de movimentos.	
	Ação/Atividade	Dança e aplausos.	
Impacto			
Mensagem		Receção da Mensagem e Consequências	
A “raça” judaica mistura-se com qualquer outra “raça”, difundindo os seus costumes perversos e influenciando os outros no sentido da imoralidade, da vulgaridade e do obsceno. O judeu tende para a vida boémia, sem prestar qualquer contributo à sociedade.		O público associa a imagem dos judeus à despreocupação e desprezo pela sociedade que os acolhe, pelo que estes se tornam inúteis e são vistos como “outsiders” que apenas se servem dos benefícios que a sociedade lhes proporciona, sem nunca retribuir.	



Süßbühlische Wohnviertel entstanden...

„Eine Nation von Betrügern“, wie Kant die Juden nannte, machte sich auf den Weg nach dem gelobten Deutschland. Täglich berichteten die (keineswegs jubenfeindlichen) Zeitungen von unerhörten Betrugsanstößen eines Oßjaden. Das Raffinement, mit dem die jüdischen Verbrecher vorgehen, legt in Erstaunen. Ebenso die Langmut, mit der die bedröhte Bevölkerung diesen räuberischen Treiben zusah.

Figura 2



... in Europas Hauptstädten.

Das selbstgemählte Ghetto im Umkreis der Grenadier- und Tragonerstraße in Berlin unterschied sich nur durch die Höhe der Häuser von seinen jüdischen Vorbildern; im übrigen war es wachsecht. Dieselben unheimlichen Gehalten, dieselben hebräischen Ladenschilder, dieselben Annahmen jutelender Kinder, dieselben üblen Gerüche und Schmutzplanierungen.

Figura 3

Figura 2: “Eastern Jewish districts develop... What Kant called ‘a nation of cheaters’ moved to the promised land of Germany. Every day newspapers (even those not hostile to the Jews) report the dishonest dealings of Eastern Jews. The cleverness of Jewish criminality is astonishing. Just as astonishing is the patience with which the threatened population put up with these criminal activities.” (Eher, 1937, p.16).

Figura 3: “In Europe’s capitals. The Jews have a self-chosen ghetto in Berlin around Grenadier and Dragoner Streets. Only the height of its buildings separate it from his Eastern models. It’s the genuine article: the same unpleasant creatures, the same Hebraic shop signs, the same masses of playing children, the same bad smells and piles of filth.” (Eher, 1937, p. 17).

	Categorias	Conteúdo Informacional	Dimensão Expressiva
Quem	Faixa Etária	40 -60 anos	Fotografias de grupo; quotidiano
	Género	Masculino	
	Etnia	Judeus	
	Aparência	Roupa formal e casual.	
Onde/ Quando	Adereços e Cenários	Ambiente urbano, durante o dia.	
Como	Movimento do Corpo e Comunicação Posicional	O movimento do corpo indica que caminhavam na rua; outros encontravam-se reunidos na rua.	
	Ação/Atividade	Conversa casual.	
Impacto			
Mensagem		Receção da Mensagem e Consequências	
Os judeus são desprovidos de qualquer noção de responsabilidade e de qualidades que lhes permitam integrar-se numa comunidade evoluída física e psicologicamente. A sua vida em comunidade não respeita quaisquer regras: primam pela desorganização, desordem, sujidade e confusão. Da sua personalidade distorcida, ressalta-se uma característica		O público considerava os judeus desleais, traidores e traiçoeiros. A medida mais segura a tomar passou por priva-los de exercer cargos de maior responsabilidade e impedi-los de participar na vida política e económica do país. Mante-los isolados em “guetos” não representava uma garantia de segurança para os arianos, pelo que esta seria apenas uma solução temporária até se proceder à	

<p>comum a toda a “raça”: a arte do ludíbrico. A atividade criminal é recorrente e direcionada, principalmente, à “raça” ariana, de coração puro, que outrora os acolheu.</p>	<p>exterminação daquela “raça”.</p>
---	-------------------------------------



Neanderthaler-Kunst.

Da der Mensch noch mehr als in der Natur seinen die Natur ihre absolute
Talentlosigkeit immer wieder unter Beweis. Mit aber Küssen zu erregen —
Ihre Unvollständigkeit treibt sie dazu —, gebürden sie sich zueinander. Jacob G. H. u. a.
London bildet hier soll anständig zu seinem Können erregenden Maßstab
einer (herausgegebenen) (1933) aus, das er „Genese“ (Geburt) nennt.

Figura 4

Figura 4: “Neanderthalic art. In sculpture even more than painting, Jews display their absolute lack of talent. To get the attention that their vanity demands, they turn primitive. Here, Jacob Epstein-London looks thoughtfully at his disgusting work of a pregnant idiot (1931), which he calls ‘Genesis’ (birth).” (Eher, 1937, p. 51).

	Categorias	Conteúdo Informacional	Dimensão Expressiva
Quem	Faixa Etária	40 -60 anos	Fotografia do cotidiano: arte e cultura
	Gênero	Masculino	
	Etnia	Judeus	
	Aparência	Roupa casual; cabelo despenteado; excesso de peso; deselegância.	
Onde/ Quando	Adereços e Cenários	Exposição de arte; escultura.	
Como	Movimento do Corpo e Comunicação Posicional	Epstein-London mostra descontração, como sugere o facto de estar a fumar um cigarro e de estar com a outra mão no bolso. O seu olhar direciona-se para a escultura, transparecendo admiração.	
	Ação/Atividade	Apreciação de uma obra de arte.	
Impacto			
Mensagem		Receção da Mensagem e Consequências	
A inutilidade dos judeus estende-se a todas as dimensões, incluindo a estética e artística. Esta escultura, criada por um judeu, representa uma afronta à arte e as suas formas desproporcionais e linhas bruscas comprovam a falta de talento e sensibilidade artística dos judeus, que		O público-alvo é impelido a acreditar na carência intelectual e artística dos judeus. Durante o período de dominação nazi, o governo controlava e inspirava a arte e cultura alemãs, pelo que existia apenas um padrão aceitável – as criações judaicas não passavam de aberrações.	

<p>apenas se servem deste exemplo indecoroso de escultura para chamar a atenção.</p>	<p>A política do regime considerava decadentes as artes expressionista, dadaísta, abstrata e moderna, o que levou à substituição de muitos diretores de museus por membros do partido nazi, ao encerramento da escola de arquitetura e design “Bauhaus” e à substituição de muitas obras de arte por obras escolhidas por um júri nazi.</p> <p>A cultura representava, assim, um papel fundamental na disseminação da visão da ideologia nazi, pelo que todas as organizações artísticas e culturais foram alinhadas com os ideais ditados pelo Ministro da Propaganda. Todas as instituições culturais judaicas e de outros grupos não-arianos foram abolidas e trabalhos de artistas não-alemães foram queimados.</p> <p>A estética nazi primava pelo realismo clássico, com o objetivo político de transmitir uma mensagem de propaganda: glorificar o povo alemão, o trabalho, a família, a comunidade, o heroísmo de guerra, o auto-sacrifício e a pureza racial ariana. O <i>volk</i> (povo) seria o centro das obras artísticas, bem como a cultura camponesa e as atividades bélicas, de forma a manter o apoio da população para uma era de conflitos³³.</p>
--	--

³³ United States Holocaust Memorial Museum. *A Cultura no Terceiro Reich: Disseminação da Visão de Mundo Nazista*. Disponível em: <https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10007519>.

5.2 The Polish Ghetto

Em Agosto de 1939, imediatamente antes da invasão da Polónia pela Alemanha Nazi, é publicado um artigo de duas páginas, na revista *Illustrierter Beobachter*³⁴, onde se apresentam retratos negativos e hostis de judeus na Polónia. Logo depois da invasão, mais artigos semelhantes foram publicados, dando origem ao filme antisemita *Der Ewige Jude (O Judeu Eterno)*, lançado em 1940.

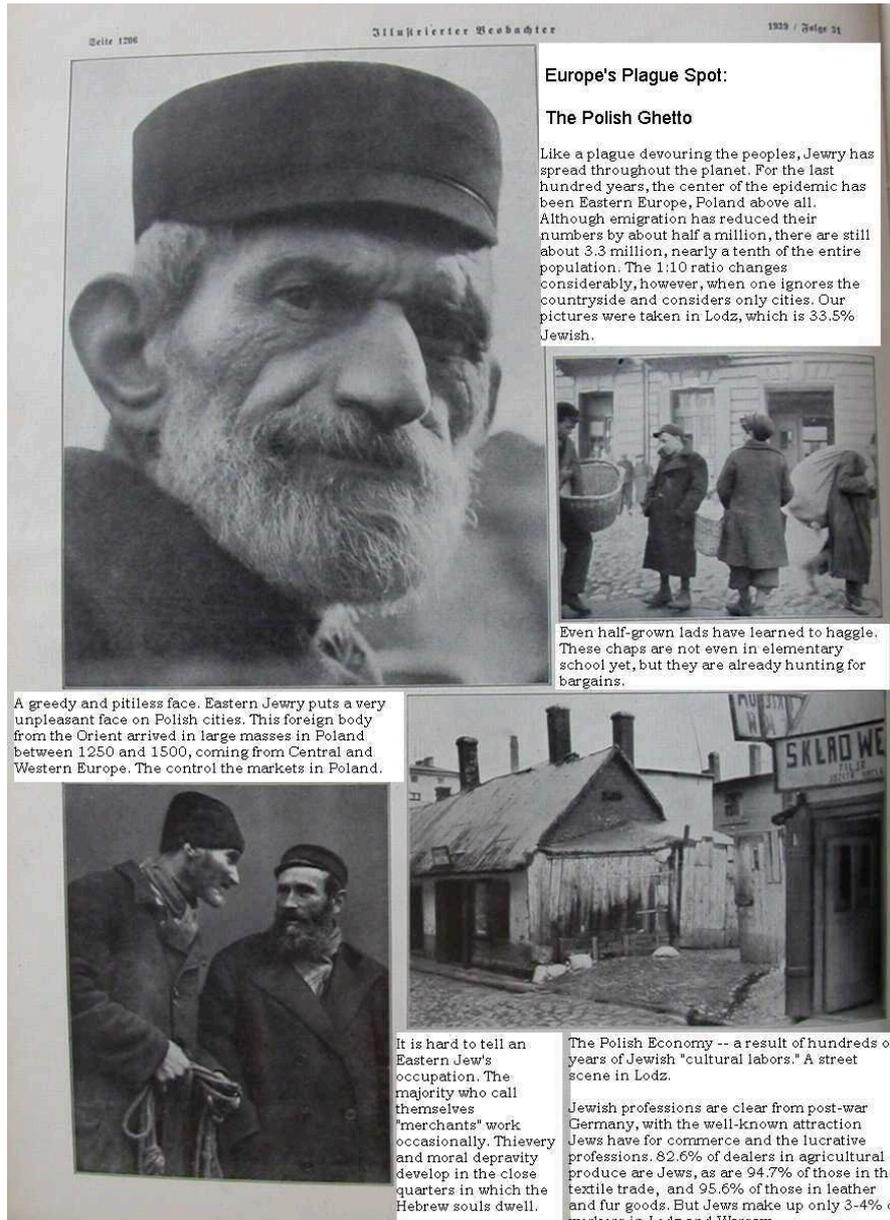


Figura 5

³⁴ Em inglês: *Illustrated Observer*. Foi uma revista ilustrada de propaganda, publicada pelo Partido Nazi, em Munique, entre 1926 e 1945, e editada por Hermann Esser.

Before the war, 40% of attorneys were Jews. In 1935, the number has grown to 55%. 64% of law students in Lodz were Jews; in Warsaw, the figure was 80% (1936). 66.7% of the doctors in Lodz are Jews. For the moment, Poles have made peace with Jews. A bad bargain!



In filthy rags, but the "poverty" usually conceals heaped-up profits.



Germany willingly opened its doors to these greasy chestnut-selling Jews in 1918. Soon, Kutisker, Barmat, and Sklarek made themselves our masters.

Main Street in Lodz is filled with Hebrews. Emigration has reduced the total number, but there are more in cities.



The wood from which the Radek-Sobelsohns were cut.



Jewish Junk Shop in Lodz

Up to 80% of the grocery business is in Jewish hands. Non-Jews have little choice but to buy from Jews, even if they are disgusted.

Figura 6

	Categorias	Conteúdo Informacional	Dimensão Expressiva
Quem	Faixa Etária	40 -60 anos	Retrato; fotografias de grupo; cenas do quotidiano
	Género	Masculino e Feminino	
	Etnia	Judeus	
	Aparência	Imagem descuidada; roupa casual; cabelos despenteados e barbas compridas; rosto vincado, com rugas, nariz grande e voltado para baixo e costas curvadas.	
Onde/ Quando	Adereços e Cenários	Gueto em Varsóvia. Casas de comércio judeu em Lódz.	
Como	Movimento do Corpo e Comunicação Posicional	Interação em ambiente de comércio e de lazer.	
	Ação/Atividade	Comércio.	
Impacto			
Mensagem		Receção da Mensagem e Consequências	
<p>A Polónia é considerada o centro da epidemia judaica – à data do artigo, Lódz representa uma percentagem de judeus igual a 33.5.</p> <p>Esta “raça” está a dominar a Europa e a tentar apoderar-se da sua economia – as crianças desde cedo aprendem a vender na rua e a regatear os produtos, esquecendo-se das obrigações escolares; aqueles que se autointitulam de comerciantes possuem métodos de trabalho duvidosos, trabalhando</p>		<p>Por onde passam, os judeus proclamam a sua imoralidade e depravação, a sua fisionomia e o seu aspeto decadente tornam as cidades desagradáveis. Assim, é imprescindível limpar as cidades e as ruas, que começam a ter um aspeto pouco digno, sujo e indecoroso.</p> <p>A ação nazi passou por um primeira fase, em que se ergueram muros e se construíram guetos, com o intuito de isolar os judeus do resto da população.</p>	

<p>apenas ocasionalmente; os seus principais sectores de atividade são a agricultura e o têxtil, nomeadamente relacionado com peles.</p> <p>Os judeus e as suas atividades comerciais, consideradas ilegais, estão a estragar a economia e a paisagem europeias.</p>	<p>Nos guetos, extremamente reduzidos para a quantidade de pessoas que albergavam, as casas estavam superlotadas e começaram a proliferar doenças, a fome e a miséria, o que resultou num número considerável de suicídios.</p> <p>Já numa segunda fase, os alemães iniciaram deportações frequentes para campos de extermínio, sendo que os que ficavam no gueto eram forçados a trabalhar para as fábricas alemãs.</p>
--	--

5.3 Retratos

The Jew also invented the most ridiculous phrase ever devised, that “everyone with a human face is equal.” (Advice for Nazi speakers on anti-Semitic propaganda: What to say in Fall 1935, p. 5)³⁵



Figura 7

“Características Externas”
Exposição nazi de propaganda antissemita, intitulada “O Judeu Eterno”. Munique,
Alemanha, 1937³⁶

³⁵ Disponível em: <http://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/index.htm>.

³⁶ Disponível em: https://www.ushmm.org/wlc/fr/media_ph.php?ModuleId=99&MediaId=2450.



Figura 8

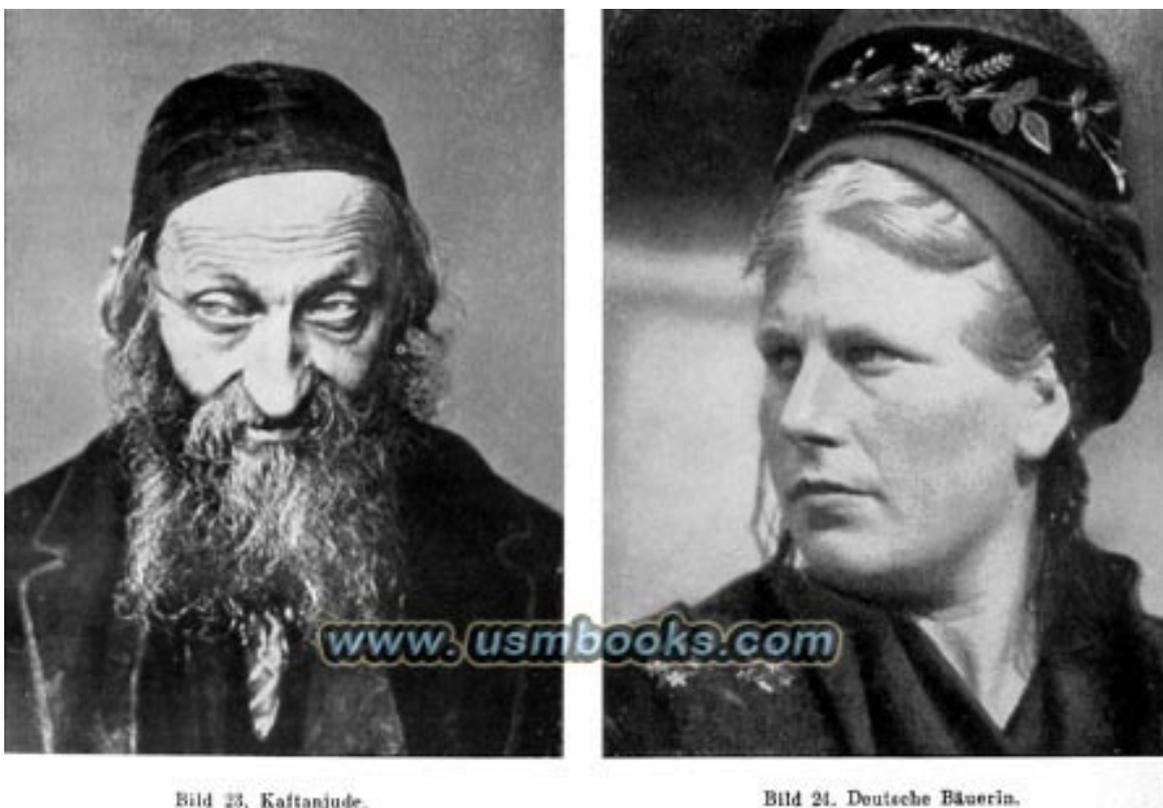


Figura 9

Mischlinge,
wie sie der Jude
propagiert —

Bild 7



sie sind die
ewig körperlich
und seelisch
unharmonischen
Bastarde!

Figura 10

Figura 7: “Uma rapariga alemã de 13 anos e uma rapariga judia de 14 anos.”

Figura 8: “Um judeu e uma camponesa alemã.”

Figura 9: “Eles são os bastardos eternamente desarmônicos do ponto de vista corporal e psíquico”; aqueles que não têm sangue puro – mestiços.

	Categorias	Conteúdo Informacional	Dimensão Expressiva
Quem	Faixa Etária	10 -50 anos	Retrato; rosto como principal elemento da composição
	Género	Masculino e Feminino	
	Etnia	Judeus e Arianos	
	Aparência	Alemães: roupa e penteados cuidados; ideal de beleza física. Judeus: roupas simples, destaque dos traços faciais, como o nariz e as rugas, tidos como grosseiros, em relação à harmonia da beleza ariana; cabelos desgrenhados, barba comprida e malcuidada.	
Como	Movimento do Corpo e Comunicação Posicional	Fotografias de perfil e poses com expressão neutra.	
Impacto			
Mensagem		Receção da Mensagem e Consequências	
Os retratos cuidadosamente fotografados dos judeus pretendem realçar a sua diabolização, perversidade e maldade, em contraste com os alemães, que seriam sempre favorecidos e captados com a sua melhor aparência. O enfoque nos traços faciais e nas		Para determinar quem pertencia, de facto, à verdadeira “raça ariana”, os nazis promulgaram uma medida que obrigava a uma análise física, em que mediam o tamanho do crânio, o comprimento do nariz e registavam a cor dos olhos e do cabelo. Durante estes eventos, os judeus eram	

expressões dos judeus, desfavorecidas em relação aos arianos, tinha como objetivo construir uma imagem destrutiva desta etnia, caracterizando-a como disforme, anormal e monstruosa.

A figura 7 apresenta as características externas típicas dos judeus, como o nariz comprido e curvado, o lábio inferior mais grosso que o superior, rugas, olhos marcados e o rosto ovalado.

frequentemente humilhados e maltratados.

Para além das características externas, que permitiam a qualquer pessoa identificar imediatamente um judeu, as Leis de Nuremberga (1935) determinavam que um indivíduo seria judeu se tivesse ascendência judaica, até três gerações, e/ou se fosse praticante do judaísmo.

Reunidas estas condições, um judeu estava proibido de casar ou manter relações íntimas ou sexuais com indivíduos de “sangue ariano” (“infâmia racial”).

Consequentemente, muitos indivíduos que se tinham convertido a diferentes religiões (padres e freiras católicos e sacerdotes protestantes) foram considerados judeus devido à sua ascendência judaica e, nesta linha, as suas características físicas poderiam comprovar este facto.

5.4 O Orgulho Racial



Figura 11

"O resultado! A perda do orgulho racial."³⁷

³⁷ Disponível em:

https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/media_ph.php?ModuleId=10005202&MediaId=550.

	Categorias	Conteúdo Informacional	Dimensão Expressiva
Quem	Faixa Etária	20-30 anos	Fotografia do cotidiano: relações sociais
	Género	Feminino	
	Etnia	Ariana e Negra	
	Aparência	Ariana: roupa formal; cabelo e penteado cuidados. Negra: roupa causal; decote da camisola alargado; brincos de grandes dimensões.	
Como	Movimento do Corpo e Comunicação Posicional	As duas mulheres encontram-se abraçadas e a sorrir.	
Impacto			
Mensagem		Receção da Mensagem e Consequências	
<p>A fotografia retrata a amizade entre uma mulher ariana e uma mulher negra.</p> <p>Os nazis pretendiam moldar uma comunidade de cunho racial, sustentada pelos ideais de beleza nórdicos, pelo conservadorismo e pela tradição. A mulher deveria ser loira, de olhos claros, alta, magra e robusta, simultaneamente. O padrão da moda feminina procurava apresentar a mulher ariana ideal como maternal e casta. A discrição e a moral eram imperativas.</p> <p>Na fotografia, a mulher negra destoa da ariana, por usar roupas reveladoras e acessórios exagerados. O corte de cabelo afasta-se, igualmente, do padrão ideal, por</p>		<p>Em 1935, foi promulgada a “Lei para a Defesa do Sangue Alemão e da Honra Alemã” (Leis de Nuremberga), que proibiam a interação, a prática de relações íntimas e o casamento entre arianos com outras etnias.</p> <p>À mulher competiam os deveres de maternidade e de procriação, mantendo a pureza e a continuidade da raça ariana, pelo que se via confinada ao papel de esposa e de mãe e era excluída de toda e qualquer função de responsabilidade. Numa sociedade em que se esperava um papel ativo da mulher no seio da família e na contribuição para a continuidade da raça, os seus direitos e liberdades eram muito</p>	

<p>não ser considerado feminino.</p> <p>O contacto com outras etnias e culturas era perigoso, no sentido da contaminação e da miscigenação.</p>	<p>limitados, a sua sexualidade negada e a sua autonomia enganosa.</p> <p>As mulheres mais liberais eram consideradas depravadas e imorais, a maquilhagem em excesso e o acto de fumar em público não eram bem vistos e as atividades tradicionais às quais tinham acesso restringiam-se a locais próprios (como música, trabalhos manuais e ginástica).</p> <p>Várias secções e incentivos foram criados no sentido de promulgação do ideal de mulher ariana: <i>Ehrenkreuz der Deutschen Mutter</i> (“Cruz de Honra das Mães Alemãs”); "Dia das Mães Alemãs"; lei para a Protecção do Casamento, Família e Maternidade; <i>Bund Deutscher Mädels</i> (“Liga das Jovens Alemãs”); <i>Hitlerjugend</i> (“Juventude Hitleriana”); <i>Nationalsozialistische Frauenschaft</i> (“Liga das Mulheres Nacional-Socialistas”).</p> <p>As mulheres eram incentivadas e ensinadas, desde tenra idade, a lidar com os trabalhos domésticos e a desenvolver o gosto pelo trabalho no campo. Mais tarde, estas instituições tratavam, igualmente, de instruir as jovens para a vida matrimonial e familiar.</p> <p>Acima de tudo, importava inculcar a doutrina nacional-socialista e o orgulho racial a todas as mulheres, limitando o seu espaço e o seu tempo, criando ordem e disciplina e</p>
---	--

	um padrão ideal que as distinguisse, sem margem para dúvida, de mulheres vulgares e defeituosas de outras etnias, evitando, assim, o risco de contágio e promiscuidade.
--	---

5.5 O Judeu pelo Mundo

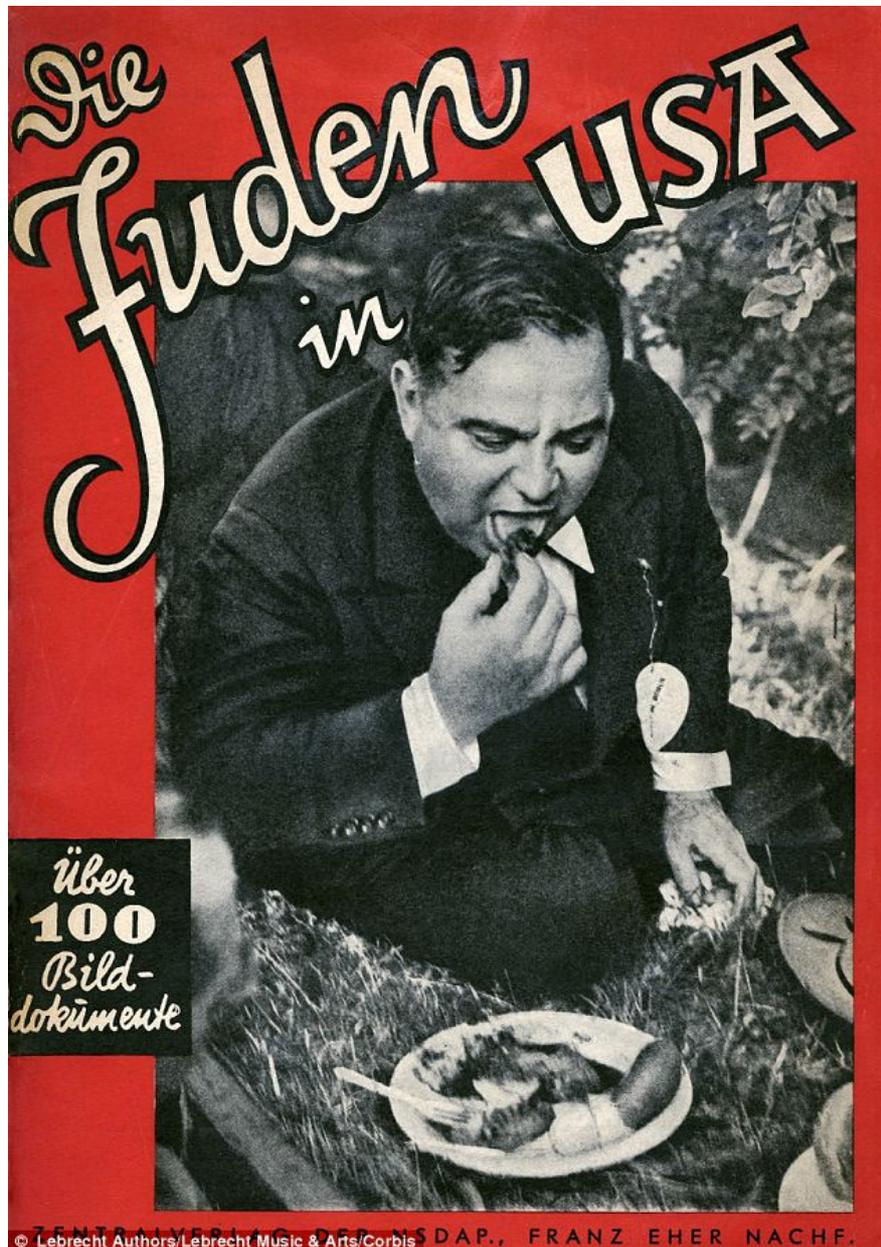


Figura 12

“Os Judeus nos EUA”

	Categorias	Conteúdo Informacional	Dimensão Expressiva
Quem	Faixa Etária	30 -40 anos	Fotografia do cotidiano: lazer
	Género	Masculino	
	Etnia	Judeu	
	Aparência	Roupa formal; excesso de peso; deselegância; dedos grossos.	
Onde/ Quando	Adereços e Cenários	Parque nos Estados Unidos.	
Como	Movimento do Corpo e Comunicação Posicional	Descontração e despreocupação, enquanto está sentado desajeitadamente no chão.	
	Ação/Atividade	Piquenique.	
Impacto			
Mensagem		Receção da Mensagem e Consequências	
<p>Para provar que os judeus representavam uma raça parasitária, algumas fotografias mostravam-nos em outras partes do mundo, mas sempre com a mesma postura desordeira e grosseira. Os judeus levavam para a sociedade alemã os seus modos indecentes e rudes, contaminando-a com a sua ignorância.</p> <p>A fotografia mostra “um judeu gordo, resultado de uma vida farta” (Luz, 2006, p.102). A sua cara é arredondada, o seu nariz é grande e os seus modos de comer são animalescos.</p> <p>Noutros países mais liberais, como nos Estados Unidos, estes comportamentos</p>		<p>Um dos principais traços diferenciadores entre arianos e judeus era o nacional contra o estrangeiro. O judeu não tinha origem, não tinha uma pátria, não era ninguém. Por conseguinte, os seus interesses eram puramente egoístas, pois não tinha uma nação onde se integrasse e que pudesse servir. Assim, por todas as partes do mundo em que caminhava, já que vivia de um espírito nómada, deixava na sociedade a sua marca primitiva.</p> <p>Considerados ao nível de ratos e bactérias, os judeus faziam parte das medidas de sanemaneto, pelo que o seu extermínio seria “justo, correto e necessário”</p>	

<p>vulgares poderiam ser bem aceites, mas nunca num país tradicional, civilizado e cortês como a Alemanha.</p>	<p>(Goldhagen, como referido em Szklarz, 2016). O mundo nazi revelou, então, a sua aversão ao espírito judaico e revogou imensas concessões de cidadania indesejadas aos judeus que emigraram para a Alemanha durante a República de Weimar.</p>
--	--

5.6 Humilhação dos Judeus³⁸



Figura 13

³⁸ Fotografias disponíveis em:

Figura 13:

http://4.bp.blogspot.com/uJZg7NDs23k/U2XZsn_fw_I/AAAAAAAAABfs/9nVE7V2aOJQ/s1600/7569043828_d1dff181bf_o.jpg;

Figura 14: <http://www.annefrank.org/pt/Subsites/Linha-do-tempo/Periodo-entre-guerras/Imigrando-para-a-Holanda/1939/Judeus-sao-humilhados-em-Varsovia/#!/pt/Subsites/Linha-do-tempo/Periodo-entre-guerras/Imigrando-para-a-Holanda/1939/Judeus-sao-humilhados-em-Varsovia/>.

Figura 15: http://2.bp.blogspot.com/-5T9aNiAG_H0/U2bQd2RFmLI/AAAAAAAAABh8/0sgFV-8rrs0/s1600/article-2485251-1927FC1200000578-8_634x795.jpg;

Figura 16:

<http://4.bp.blogspot.com/p9tPFRz4md4/U2bQeF4ZvwI/AAAAAAAAABiA/VGIOzBFtpE8/s1600/3852e1a8e2e6e7de232cb6ddc022253b.jpg>.



Figura 14



Figura 15



Figura 16

	Categorias	Conteúdo Informativo	Dimensão Expressiva
Quem	Faixa Etária	20-50 anos	Retratos e fotografias do cotidiano
	Gênero	Masculino e Feminino	
	Etnia	Judeus e Arianos	
	Aparência	Judeus: Roupas casuais e humildes; estrela de David; tradicionais tranças compridas nas têmporas; orelhas grandes e narizes compridos. Ariano: soldado nazi com uma tesoura na mão.	
Como	Movimento do Corpo e Comunicação Posicional	O soldado nazi demonstra descontração e contentamento. Os judeus expressam medo, constrangimento e angústia.	
	Ação/Atividade	Movimentação de judeus para os guetos; Judeu encarregue de distribuir estrelas de David; Judeus caminham na rua, apresentando a estrela de David.	
Impacto			
Mensagem		Receção da Mensagem e Consequências	
A trança comprida nas têmporas e a barba comprida, características entre os judeus, seriam traços de diferenciação que contribuíam para a representação típica do judeu, assim como os seus traços faciais		Estes traços característicos dos judeus, com valor pejorativo, chegavam à população por via das fotografias mediáticas, tornando-se traços ideológicos (Luz, 2006, p.109). Segundo a sugestão de Reinhard Heydrich,	

<p>demarcados (nariz comprido, lábios grossos, cara arredondada). Na figura 13, um soldado nazi segura uma tesoura na mão e, simultaneamente, nas tranças do judeu. Este, por seu turno, permanece com uma expressão de desespero.</p> <p>Na figura 14, destaca-se a barba comprida a ser cortada com uma faca por um soldado alemão. O judeu mantém-se impávido e tenta desviar a cara, enquanto outros soldados se encontram atrás de si com expressões de gracejo.</p> <p>Nas figuras 15 e 16, o foco recai sobre a estrela de David, com o intuito de estimular a associação entre a figura repugnante e o símbolo religioso do Judaísmo (Luz, 2006, p. 113).</p> <p>As humilhações dos judeus eram constantes em espaços públicos, como forma de os alemães marcarem a sua posição e a sua superioridade. Quando um judeu ou um grupo de judeus estava a ser agredido, as pessoas mais próximas eram obrigadas a mostrar indiferença e a afastarem-se, como se pode ver na figura 13, em que as pessoas atrás do soldado olham para outro lado no momento em que este injuria o judeu. Desta forma, era mais fácil passarem despercebidos aos olhos dos soldados.</p>	<p>"todo o judeu nos termos das Leis de Nuremberga deve usar um determinado distintivo. Essa é uma possibilidade que facilita bastante muitas outras coisas" (Hasselbach, 2006, para. 4).</p> <p>Por conseguinte, os emblemas usados pelo regime nazi para identificar os judeus variavam de acordo com a posição geográfica e o período. No começo da guerra, os judeus usavam faixas amarelas ou brancas nos braços com a estrela de David azul ou amarela. Em algumas regiões, usavam uma estrela completamente amarela ou estampada num círculo preto. A mais popular, contudo, era a estrela de seis pontas sobre fundo amarelo com a palavra "Jude" no centro. Qualquer uma destas versões da estrela representava um estigma da exclusão social dos judeus.</p> <p>Assim, todos os judeus teriam de se submeter a esta medida, pois, para os nazis, seria uma forma de distinguir o inimigo. A infração desta regra resultava em humilhações públicas, agressões físicas e psicológicas severas e, em muitos casos, em morte. Todas estas ações eram levadas a cabo pela Gestapo, que monitorava rigorosamente o uso visível do símbolo (<i>idem</i>, para. 10).</p> <p>A estrela significava, ao olhos da sociedade, "isolamento, discriminação, mas também controle" (<i>idem</i>, para. 13).</p>
--	--

5.7 Religião e Raça



Figura 17

"Os judeus foram desde sempre profanadores da raça."

	Categorias	Conteúdo Informacional	Dimensão Expressiva
Quem	Faixa Etária	30 -40 anos	Fotografia do cotidiano
	Gênero	Masculino e feminino	
	Etnia	Judeus	
	Aparência	Homem: exposição do corpo parcialmente nu; Mulher: vestido decotado.	
Onde/ Quando	Adereços e Cenários	Parque; espaço público.	
Como	Movimento do Corpo e Comunicação Posicional	Sentados no chão, descontraídos, a olhar um para o outro e a sorrir.	
	Ação/Atividade	Lazer.	
Impacto			
Mensagem		Receção da Mensagem e Consequências	
<p>O tipo de comportamento reproduzido na figura 17 constituía uma afronta à sociedade conservadora alemã e um atentado ao pudor, exercendo uma influência maligna à pureza ariana.</p> <p>Segundo a ideologia nazi, os judeus eram considerados uma raça, sendo que a religião judaica era inexistente. Assim, vários estereótipos negativos foram associados a essa raça, definindo a sua conduta como “comportamento judaico”.</p> <p>A raça judaica era movida pelo comunismo soviético, que não servia a nenhuma religião, era traiçoeira e manipuladora. O seu propósito era dominar o mundo e</p>		<p>A raça judaica seria uma herança biologicamente predeterminada e, por conseguinte, nenhum membro da raça ariana deveria ter contato com os judeus, sob o risco de degenerar os traços originais arianos pela miscigenação, uma vez que estes não poderiam ser modificados.</p> <p>A pureza racial deveria ser controlada pelo Estado e, por isso, para além de proibirem a presença de judeus em muitos espaços públicos, lhes retirarem a cidadania alemã, destruírem os seus lares e os seus negócios, os nazis promulgaram uma lei que consistia na esterilização de descendentes hereditariamente doentes, física ou</p>	

enfraquecer a raça ariana, corrompendo-a com os seus comportamentos impróprios e imorais, conduzindo-a à sua extinção.	mentalmente. Os descendentes de relações imorais e ilícitas, entre judeus e arianos, estavam, igualmente, ao abrigo desta lei.
--	--

5.8 A Educação Ariana



Figura 18

	Categorias	Conteúdo Informacional	Dimensão Expressiva
Quem	Faixa Etária	6-15 anos	Fotografia de grupo
	Género	Feminino e masculino	
	Etnia	Arianos	
	Aparência	Roupa e imagem bem cuidadas.	
Onde/ Quando	Adereços e Cenários	Ar livre; dia soalheiro.	
Como	Movimento do Corpo e Comunicação Posicional	Juntas, as cinco crianças olham atentamente para um livro antissemita, enquanto uma das crianças segura num outro livro sobre o mesmo tema. A criança do meio permanece sentada, enquanto as outras estão de pé à sua volta.	
	Ação/Atividade	Leitura.	
Impacto			
Mensagem		Receção da Mensagem e Consequências	
De feições perfeitas e imagem aprimorada, as crianças devem ser educadas desde cedo a conviver com os seus pares e a identificar claramente o seu inimigo. Na figura 18, uma imagem de um cogumelo venenoso é apresentada na capa do livro, remetendo para a comparação dos judeus com este objeto, pois estes seriam “ervas daninhas” e venenosas, que poluíam o “jardim” cuidadosamente projetado e desenhado pelos nazis		A escola e a educação na Alemanha nazi funcionavam como um aparelho ideológico, de forma a moldar os indivíduos, desde tenra idade, aos ideais do regime, em todas as áreas – educação moral e cívica, filosófica, científica, social, etc.. Em 1934, Bernhard Rust foi nomeado Ministro da Ciência, Educação e Cultura do <i>Reich</i> e logo iniciou o processo de nazificação de todas as instituições de educação. Assim, em 1937, foi promulgada	

(Bauman, 1998).

a Lei do Funcionalismo Civil, que ditava a obrigatoriedade de todos os professores defenderem a ideologia nazi e jurarem fidelidade a Hitler.

O ensino das ciências raciais, nomeadamente da antropologia racial (*Rassenkunde*), tornou-se imperativo e central, uma vez que as questões ligadas à hierarquia das raças, à herança genética, à aparência e ao perigo da miscigenação constituía a base da educação de qualquer criança, pois estas eram consideradas o futuro do *Reich*, imprescindíveis para a sua continuação (ver Anexo 2).

A análise qualitativa é uma técnica eficaz para conhecer a rotina dos seres humanos, para compreender como lidam com a sua própria existência e com a vida em sociedade e como controem e interpretam o ambiente à sua volta através de símbolos, rituais, estruturas sociais, etc. (Berg, 2001, p. 7).

As fotografias e a nossa leitura das mesmas contam histórias pessoais, sociais e culturais. A nossa resposta ao material visual que nos é apresentado expressa a forma como gostaríamos de reorganizar o mundo e a sociedade e recompor o passado no presente, procurando corrigir os erros que a humanidade outrora provocou.

Embora exista, nas imagens, uma interseção das esferas pessoal e social e se denotem muitos sentimentos associados, consegue-se distinguir um significado coletivo que pode explicar o fenómeno do antissemitismo (Warr et al., 2016, p. 78). Este fenómeno é motivado pelo preconceito, patente quer nas mensagens icónicas não-codificadas, quer nas mensagens icónicas codificadas de todas as fotografias.

A análise de conteúdo qualitativa foi, neste estudo, imprescindível, na medida em que permitiu analisar, com detalhe, os vários contornos do processo utilizado pelos nazis de forma a construir, desenvolver e manter a sua realidade social, nunca antes experienciada na História da Humanidade. Assim, foi possível, através da visão de seguidores da ideologia nazi que pretendiam mediatizar fotografias que descrimavam grupos minoritários, perceber de que forma estes estruturavam a sociedade e que sentidos atribuíam aos seus atos e à sua vida quotidiana.

As fotografias seleccionadas para este efeito atingiram o seu ponto de saturação no momento em que todos os aspetos relevantes para o estudo da mediatização do antissemitismo foram expostos: os judeus e outras raças consideradas inferiores, nomeadamente os negros, possuíam hábitos e estilos de vida obscenos, uma aparência repugnante e uma alma demoníaca, destruidora, características hereditárias que definiam a sua raça. Como se pode denotar pelo impacto da mensagem, é perceptível o poder que as imagens mediáticas exerceram sobre o público e que ações foram levadas a cabo para combater a tendência do inimigo.

6. Considerações Finais

As teorias e investigações acerca do Holocausto raramente são levadas até ao fim e são alvo de dura resistência, pois muitas interpretações tendem a assumir que este fenómeno foi um episódio histórico único e a tomar este assunto como especificamente judeu, reduzindo, também, as questões essenciais da natureza do crime à questão das características únicas dos judeus. Mas, contradiz Bauman (1991), o Holocausto não foi fruto de emoções nem de ódio, foi pensado e calculado, planeado ao pormenor, com lógica. E, para além disso, existem, na História, “violentas explosões da judeofobia pré-moderna”.

O interesse pelo desenvolvimento de um projeto que explorasse estas questões relaciona-se com o facto de o mundo contemporâneo se revelar tão frágil e instável: depois da humanidade enfrentar tamanha calamidade com as repercussões da 2ª Guerra Mundial, como se justifica, nos dias de hoje, ainda ouvirmos falar em sentimentos ligados ao preconceito e à discriminação?

O mundo mudou e muitos esforços e diferentes ações foram concretizados, de forma a lutar por um mundo mais justo e igualitário, onde se instaurasse a harmonia humanitária. Este mundo utópico constituiu, em determinada altura, um desejo frívolo da humanidade, bem como um meio para a convivência e sobrevivência dos indivíduos na sociedade.

Relativamente aos judeus, a opinião pública internacional, logo depois da Guerra, acionou os meios de solidariedade e reconheceu a este grupo étnico, claramente oprimido, a necessidade de criação de um território ao qual pudesse chamar de “casa”: o Estado de Israel. Este Estado, por conseguinte, tornou-se num símbolo de democracia e de progresso político, cercado por regimes autoritários e ditatoriais.

Na era moderna, contudo, primava-se pela prosperidade, pela paz social, pela obediência e cooperação dos sindicatos operários face à lei e à ordem, pela segurança e tranquilidade quotidianas. A Alemanha era, assim, o exemplo a seguir nestas matérias, o que resulta, muitas vezes, numa conclusão falaciosa que aponta o Holocausto como um fenómeno especificamente alemão.

Contudo, todos os processos sanguinários levados a cabo pela ideologia nazi podem ser facilmente interpretados como uma ambição da modernidade, na medida em que, com os avanços da ciência e da tecnologia, surgem ambições planificadoras e a Natureza é tida como um objeto maleável às liberdades da humanidade, que agora é mestra do universo.

O nazismo, como discípulo da Idade da Razão, consciente, autoconfiante, determinado, pretendia erguer a sociedade até ao ideal e atingir o poder absoluto. Para isso, dividiram o mundo humano num grupo para o qual devia ser erguida a ordem (o “jardim”) e um outro, alvo de resistência, que devia ser abatido – os ambivalentes (as “ervas daninhas”) (Bauman, 1998). Portanto, o genocídio moderno não foi uma explosão descontrolada de sentimentos, nem um ato irracional, mas antes um exercício de engenharia social racional, que pressupunha cálculos, técnicas, ciência (como o uso do gás *Zyklon B*) e visava a homogeneidade livre de ambivalência (*idem*).

O grandioso plano alemão de colocar a reprodução da sociedade numa base científica e de seleção foi simplesmente uma expressão radical das ambições universais inerentes à mentalidade moderna. Assim, a fama aterradora do Holocausto não se deve à sua singularidade, mas ao facto de este ter, efetivamente, acontecido – Hitler conseguiu atingir um propósito que outros poderes modernos nunca conseguiram.

Falar da ideologia nazi e do Holocausto implica, sempre, falar de preconceito. Como Sartre ressaltou, “a frase ‘odeio os judeus’ é dessas que as pessoas pronunciam em grupo. Pronunciando-a, ligam-se a uma tradição e a uma comunidade: a dos medíocres” (Sartre, como referido em Schmidt, 2005, p. 5). O preconceito constitui, por isso, um dos maiores perigos que a humanidade enfrenta, tal como aconteceu na década de 30-40 do século XX.

Com efeito, o indivíduo preconceituoso é impermeável e conformista: impermeável à experiência e à razão e conformista no sentido de que a sua lógica permanece sobre todas as outras e a sua convicção é inabalável. Estas características impossibilitam o diálogo, pois o indivíduo preconceituoso não procura argumentos válidos durante as tentativas de comunicação, pelo contrário, intimida e desorienta o interlocutor.

Como foi explorado nesta investigação, o preconceito e o antissemitismo desempenhavam um papel central nas imagens mediáticas que circulavam durante o regime nazi. À primeira vista, algumas das fotografias poderiam parecer inofensivas, porém, por detrás da objetiva e a partir da visão do fotógrafo ao serviço do Ministério comandado por Goebbels, escondia-se um propósito macabro que tendia a ser executado de forma rápida e eficaz: mover as massas a favor da ideologia nazi. Muitas vezes descontextualizadas, as fotografias dos judeus transmitiam uma mensagem de divisão e de hierarquia de raças entre os seres humanos. Os judeus perdiam a sua identidade própria e, de repente, aquela que era

uma cena do quotidiano, um dia no mercado, ou a passear na rua, ou um simples retrato, tornava-se num exemplo de imoralidade e num alvo fácil de preconceito.

Todas as fotografias pretendiam apelar ao bizarro e provocar aversão ao público, criando cenas repulsivas e ameaçadoras, mas que, simultaneamente, eram verosímeis (Luz, 2006, p. 109). Por isso, como se constatou a partir da análise de conteúdo, os impactos das imagens sobre a sociedade foram profundos e bem sucedidos. Assim, a manipulação das massas deveu-se muito à credibilidade das fotografias, do seu enquadramento e das mensagens que estas deixavam transparecer, bem como dos seus participantes, quer arianos, quer judeus. A força das imagens destas duas “raças” e da comparação entre si colocava a “raça ariana” no auge da perfeição humana.

A ação do Estado Nazi moderno consistia na criação de um “jardim” livre de “ervas daninhas”, isto é, judeus, portadores de doenças congénitas, indivíduos mentalmente inferiores ou fisicamente deformados, “plantas” que, por ordem superior, foram obrigadas a abandonar as suas terras, para que estas se transformassem no jardim de outros. Embora seja impossível determinar precisamente quantos judeus foram exterminados no Holocausto, os números apontam para seis milhões (Altares, 2017, para. 2). Seis milhões de “ervas daninhas” arrancadas da vida para dar lugar a um “jardim” sadio e ordeiro, bem cultivado.

Devido ao seu carácter autoritário e conservador, a sociedade alemã revelou-se muito permeável às tendências antissemitas, pelo que os indivíduos, mesmo inconscientemente, ficavam vulneráveis aos ataques psicológicos do nazismo e perdiam o controlo das suas vidas e do ambiente à sua volta, pois a sua mente, automaticamente, associava a imagem dos judeus ao inimigo, um inimigo que tinha de ser abatido prontamente.

Por conseguinte, trabalhar a manipulação da mentalidade das massas exigiu o poder de um discurso bem construído e convincente, ilustrado nas fotografias, cuidadosamente pensadas e enquadradas, que corroboravam os argumentos de Goebbels.

Quando se fala em seres humanos, fala-se em cultura, que se desenvolve a partir da possibilidade de comunicação e de estabelecimento de interações com os outros e revela-se imprescindível no modo como a humanidade vê e interpreta o mundo e como orienta as suas ações (Paulino, 2012, p. 5). A cultura opõe o indivíduo à natureza, ou, para os iluministas, este transcende a natureza (*idem*, p. 5-6), “no sentido de que só o homem, entre todas as criaturas vivas, é capaz de desafiar a sua realidade e reivindicar um significado mais profundo” (Bauman, 2007, p. 242).

O regime nazi não excluiu a importância da escolaridade e do facto de ser

imprescindível cultivar, desde cedo, nas crianças, os valores da raça superior ariana e o perigo que as raças inferiores representavam para o seu futuro, desenvolvendo um *habitus* que lhes permitisse a construção do mundo a favor da ideologia nazi, geradora de intolerância, preconceito e desprezo em relação ao “outro”.

Assim, a propaganda e as fotografias que traduziam os ideais do regime nazi, aliadas ao sistema conservador que regia a sociedade, foram capazes de mover uma nação com uma única e gloriosa resolução: a perfeição humana.

A História traz consigo muitos ensinamentos e devemos ter sempre presente a fragilidade das democracias e o poder que as técnicas de manipulação como estas exercem sobre a mente humana, pelo que é urgente contribuir para a reconstrução da humanidade, procurar instrumentos para a construção de um mundo melhor e criar armas para o combate ao preconceito.

É urgente (re)despertar, nos seres humanos, a capacidade de agir e dar resposta às demandas, obstáculos e necessidades das comunidades onde se desenvolve a multiculturalidade e estimular uma mentalidade que vai de encontro ao convívio, à troca de ideias, à partilha de sentimentos e opiniões, à interação entre os seres humanos, pois é este o verdadeiro sentido de humanidade.

7. Bibliografia

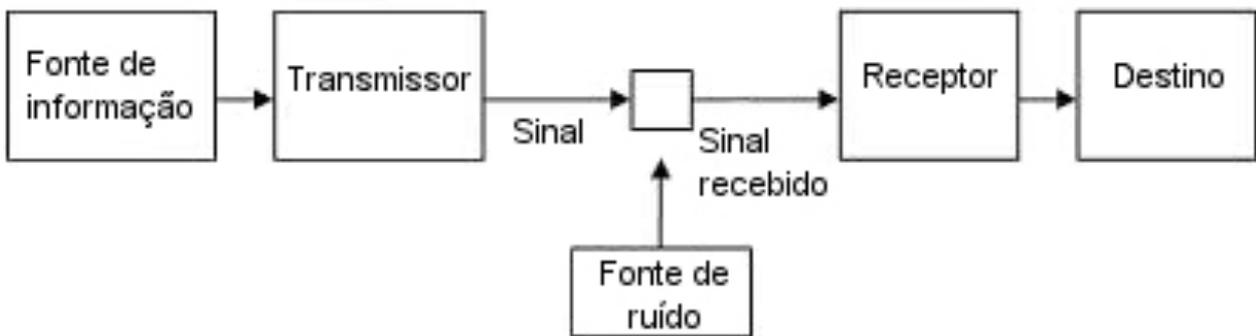
- Adorno, T.W.; Horkheimer, M. (1985). *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Altares, G. (2017, Setembro 16). Porque Falamos de 6 Milhões de Mortos no Holocausto? *El País*. Disponível em:
https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/13/internacional/1505304165_877872.html.
- Andrade, I. M. (1994). Hannah Arendt e as Origens do Totalitarismo. *Revista Gepolis*, 8-13. Disponível em:
https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/14188/1/3_Hannah%20Arendt%20e%20as%20Origens%28Ines_Madeira%20de%20Andrade%29.pdf.
- Arendt, H. (2012). *As Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Arendt, H. (1985). *Da Violência*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília.
- Arendt, H. (1963). *Eichmann in Jerusalem: a Report on the Banality of Evil*. London: Faber and Faber.
- Barros, J. A. (2008). *A Construção Social da Cor*. Petrópolis: Vozes.
- Barthes, R. (1964). Rhétorique de l'Image. *Communications*, 4.
- Bauman, Z. (2007). *Ensaio sobre o conceito de Cultura*. Rio de Janeiro: Zahar Editor.
- Bauman, Z. (1998). *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Berger, J. (1980). *Modos de Ver*. Lisboa: Edições 70.
- Bourdieu, P. (2007). *A Distinção: Crítica Social do Julgamento*. S. Paulo: EDUSP.
- Bourdieu, P.; Chamboredon, J.-C.; Passeron, J.-C. (2002). *A Profissão de Sociólogo*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Campenhoudt, L.V. (2000). *Introdução à Análise dos Fenómenos Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Dyer, G. (1982). *Advertising as Communication*. London: Routledge.
- Eisner, W. (2006). *O Complô*. S. Paulo: Companhia das Letras.
- Ellul, J. (1965). *Propaganda – The Formation of Men's Attitudes*. New York: Vintage Books.
- Eher, F. (1937). *Der Ewige Jude*. Munich: Zentralverlag der NSDAP.
- Ferreira, J. P. (2000). O Judeu Errante: A Materialidade Da Perda. *Revista Olhar*, 3, 1-7.
- Francastel, P. (1989). *Etudes de Sociologie de l'art*. Paris: Éditions Gallimard.
- Freund, G. (1995). *Fotografia e Sociedade*. Lisboa: Vega.
- Fromm, E. (1990). *Man for Himself: An Inquiry Into the Psychology of Ethics*. New York: Henry Holt and Company.

- Fromm, E. (1983). *O Medo à Liberdade*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Goebbels, J. (1933). *The Racial Question and World Propaganda*. Disponível em: <http://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/index.htm>.
- Goffman, E. (2004). *Estigma – Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Disponível em: <http://www.aberta.senad.gov.br/medias/original/201702/20170214-114707-001.pdf>.
- Hasselbach, Cristoph (2016, Setembro 1). "Estrela de judeu", símbolo de discriminação e morte. Deutsch Welle. Disponível em: <http://www.dw.com/pt-br/estrela-de-judeus%C3%ADmbolo-de-discrimina%C3%A7%C3%A3o-e-morte/a-19518174>.
- Janeira, A. L. (1972). A Técnica de Análise de Conteúdo nas Ciências Sociais: natureza e aplicações. *Análise Social*, IX (34).
- Jimenez, M. (1997). *A Psicologia da Percepção*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Luz, Enrique (2006). "O Eterno Judeu" - Anti-Semitismo e Antibolchevismo nos Cartazes de Propaganda Política Nacional-Socialista (1919-1945). (Dissertação de Pós-Graduação não publicada). Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG.
- Martucelli, D. (1999). Reflexões sobre a Violência na Condição Moderna. *Revista Sociologia*, 11(1), 157-175.
- McGinn, C. (2011). *O Caráter da Mente: uma Introdução à Filosofia da Mente*. Lisboa: Gradiva.
- Miopiocerebral. (2010, Junho 13). *Teorias da Comunicação* (mensagem de blog). Disponível em: <http://ucteorias.blogspot.pt/2010/06/teoria-da-informacao.html>.
- Morrock, R. (2010). *The Psychology Of Genocide And Violent Oppression*. U.S.A: McFarland & Company, Inc., Publishers.
- Paulino, V. (2012). *Cultura e Comunicação na Contemporaneidade*. VII Congresso Português de Sociologia. Universidade do Porto, Faculdade de Letras/Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.
- Pereira, W. P. (2003). Cinema e Propaganda Política no Fascismo, Nazismo, Salazarismo e Franquismo. *História: Questões e Debates*, 38, 101-131.
- Quintero, A. P. (1990). *História Da Propaganda: Notas Para um Estudo da Propaganda Política e de Guerra*. Lisboa: Planeta Editora Lda.
- Ramos, J. A. S. (2004). *A Realidade Transformada – a Fotografia e a sua Utilização*. (Dissertação de Doutoramento não publicada). Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Reavey, P. (2011). *Visual Methods in Psychology*. New York: Psychology Press.

- Reich, W. (1933/1974). *Psicologia de Massas do Fascismo*. Porto: Escorpião.
- Reich, W. (1988). *Sobre a Psicologia de Massas do Fascismo*. S. Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
- Rodrigues, E. V. F. (2016). “Reflexões sobre o Racismo”, de Jean Paul Sartre: uma análise das origens psicológicas do preconceito racial. *Bauru* 4 (1), 161-169.
- Romanovski, L. M. (2009). *Roman Jakobson: Abordagem Semiótica da Fotografia como Imagem Narrativa da Imigração Judaica nas Décadas de 30 e 40*. Disponível em: <http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2009/ROMANOVSKY,%20Ludmila%20Menezes%20-%20VEHA.pdf>.
- Santos, C., Paradiso, S. (2012). A imagem do judeu na literatura britânica: Shylock, Barrabás e Fagin. *Diálogos e Saberes*, 8 (1), 213-231.
- Sartre, J-P (1965). *Anti-Semite And Jew: An Exploration Of The Etiology Of Hate*. New York: Schocken Books.
- Schmidt, M. L. S. (2005). Sartre e a Questão Do Preconceito. *Imaginário*. 11. São Paulo: Laboratório de Estudos do Imaginário do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Sironneau, J.-P. (1985). Retorno do Mito e Imaginário Sócio-Político e Organizacional. *Revista da Faculdade de Educação*, 11 (1-2), 257-273. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/33349/36087>.
- Sontag, S. (1986). *Ensaio sobre Fotografia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Szklarz, E. (2016, Abril 19). 7 Motivos que Fizeram os Alemães Embarcar na Loucura de Hitler. *Super Interessante*. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/7-motivos-que-fizeram-os-alemaes-embarcar-na-loucura-de-hitler/>.
- Tal, U. (2004). *Religion, Politics and Ideology in the Third Reich*. London: Routledge.
- United States Holocaust Memorial Museum. *A Cultura no Terceiro Reich: Disseminação da Visão de Mundo Nazista*. Disponível em: <https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10007519>.
- Warr, D.; Cox, S.; Guillemin, M. & Waycott, J. (eds.) (2016). *Ethics and Visual Research Methods*. New York: Palgrave Macmillan.

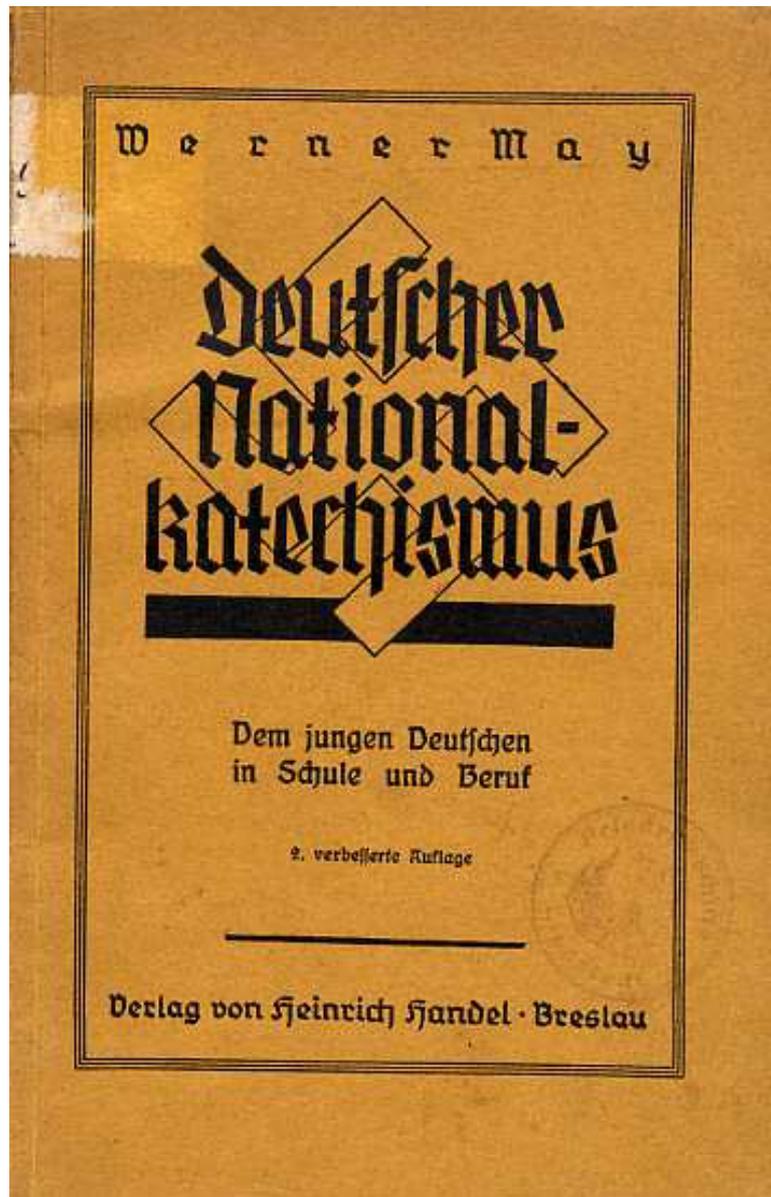
8. Anexos

8.1 Anexo 1: Modelo Clássico da Comunicação, de C. Shannon e W. Weaver³⁹



³⁹ Disponível em: [https://www.infopedia.pt/\\$modelo-de-comunicacao](https://www.infopedia.pt/$modelo-de-comunicacao).

8.2 Anexo 2: The German National Catechism⁴⁰



Of Race and People (*Volk*)

What is a race?

A group of living creatures is a race when its individual members share the same appearance and genetic inheritance.

⁴⁰ Disponível em: <http://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/catech.htm>.

What do I understand under “appearance and genetic inheritance”?

Physical characteristics that are passed along: the color of the skin, the shape of the skull, and particularly facial features (shape of the nose, mouth, lips), etc.

What are the major races?

White, black, and yellow.

To which race do Europe’s peoples belong?

The peoples of Europe do not belong to a particular race, but are rather a racial mixture. Our German people is comprised primarily of six races.

And what are they?

The Nordic, the Pfalzish (*fälische*), the Western (*westliche*) the East Baltic (*ostbaltische*), the Ostic (*ostische*), and the Dinarish (*dinarische*) races.

How can one tell that peoples are racially related?

First, from their languages, in which many words are the same or similar.

For example:

Greek	Latin	German	French	English
patér	pater	Vater	père	father
méter	Mäter	Mutter	mère	mother
egó	ego	ich	je	I

A racial relationship is also evident in the same or similar cultural products, sagas, legends and customs.

What were and are the particular characteristics of the Nordic race?

Courage, bravery, creative ability and desire, loyalty.

The German people is, along with the English, Danish, Norwegian, and Swedish, the most racially pure of the European peoples. With regards to the purity of language, the Scandinavian peoples are in first place. Its Gothic script is particularly lovely, and it should be maintained.

Which race must the National Socialist race fight against?

The Jewish race.

Why?

The goal of the Jew is to make himself the ruler of humanity. Wherever he comes, he destroys works of culture. He is not a creative spirit, rather a destructive spirit.

How is that evident?

The work of Aryan peoples shows a true creative spirit. The Jew is mostly a merchant, as he was for millennia in the past. There are no Jewish construction workers in Germany, no smiths, no Jewish miners or seamen. Nearly all major inventions were made by Aryans.

How has the Jew subjugated the peoples?

With money. He lent them money and made them pay interest. Thousands and thousands of Germans have been made wretched by the Jews and been reduced to poverty. Farmers whose land had been in the family for more than 100 years were driven from their land because they could not pay the interest.

What happened to those farmers?

They had to move to the cities. Torn from the land to which they belonged, robbed of their labor that gave their lives purpose and meaning, they fell victim to poverty and misery. Worn down, their souls crushed, they accepted Jewish doctrines that denied the Fatherland and opposed all that was nationalistic. Their strength and ability faded. The Jew had reached his goal.

What other guilt does the Jew bear?

While the German people was fighting a life and death battle during the World War, the Jew incited people at home and seduced them into treason. The November Revolution of 1918 that brought about Germany's collapse was the work of the Jew.

In countless newspapers in Germany and abroad, he brought everything German into the mud, slandering us and inciting our enemies even more than they already were. His lackeys in leading positions in the Reich persecuted the National Socialist movement, bringing the fighters for a new Germany before judges and throwing them into prison.

He corrupted Germans through bad books, and mocked true literature and German music, replacing it with ungermanic music. Everywhere, his influence was destructive.

What is racial defilement?

Forgetting our spirit and our blood. A careless disregard of our nature and a contempt for our blood. No German man may take a Jewish woman as his wife, and no German girl may marry a Jew. Those who do that exclude themselves from the community of the German people.

What must the National Socialist movement do?

Adolf Hitler said: “Care must be taken, at least in our nation, that the deadliest enemy (the Jew) is recognized, and that the battle against him is seen as the shining symbol of a brighter day that will also show other peoples the path to the salvation of fighting Aryan humanity.”

Which European people disregards the racial question?

France. It has accepted large numbers of blacks into its army. It has given them the same political rights as the whites. Thus it can happen that black officers command whites. Blacks and Moroccans fought against Germany in the World War. After the war, blacks raped German women and girls in the Rhineland.

Germans — never forget that!

What does your people mean to you?

You are born into your people, my child, of a German mother. Your father is a German. And you belong to the German people just as every part of your body belongs to you. You are a link in a great chain, a part of the whole. Alone, you are nothing, but when you live for your people you are everything. Your people’s destiny is your destiny. Its struggles and sorrows, its joys and its miseries, are yours. All Germans are your brothers. You may not think, want or do anything that harms your people! The history of your people is great and glorious, and you can be proud of it. The days of betrayal and the years of shame that Germany had to endure between 1918 and 1933 are a warning to you. You must work and create for the resurrection of your Fatherland.

The greatness of your people calls you to loyalty! Never forget that Frederick the Great and Bismarck were your brothers, as are those heroes of the World War who sleep in foreign soil or in the depths of the sea! The war memorials in the streets of the cities and the market places of the villages call to you. Never forget that we cheerfully shed our blood for you, for Germany’s holy soil, for the good and the life of this great people!